UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC

JEANE PINA COSTA

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE QUILOMBOLA EM FLORES DE GOIÁS (GO): ESTUDO DE CASO SOBRE A COMUNIDADE FLORES VELHA

Planaltina- DF
2025

JEANE PINA COSTA

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE QUILOMBOLA EM FLORES DE GOIÁS (GO): ESTUDO DE CASO SOBRE A COMUNIDADE FLORES VELHA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Educação do campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientador: Rafael Litvin Villas Bôas

Planaltina – DF

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder forças e ter me conservado com vida e saúde, sua presença divina é fundamental em cada passo dado, sem a sua luz em meio a escuridão nada seria possível.

À minha família que sempre esteve ao meu lado com amor, apoio e compreensão. A cada palavra de incentivo, a cada gesto de carinho, vocês me deram forças para continuar, e este trabalho representa de alguma forma, todos nós.

Ao meu orientador, um grande mestre, que com sua sabedoria e paciência me guiou em cada etapa deste processo. Suas orientações e ensinamentos foram essenciais para a realização deste TCC. Agradeço por acreditar em mim e por ser um mentor tão dedicado e inspirador.

Aos membros da banca, Regina Coelly Fernandes, Luan Ramos Gouveia e Luis Antonio Pasquetti, pela contribuição valiosa na análise e discussão deste trabalho.

Aos membros do território Flores de Goiás que generosamente compartilharam suas histórias, conhecimentos e experiências durante o desenvolvimento deste estudo.

A todos os meus professores, que contribuíram com seus conhecimentos e experiências para o meu aprendizado, meu muito obrigada. Cada um de vocês foi uma peça fundamental no processo dessa jornada. Aos meus colegas e amigos, que me incentivaram e apoiaram ao longo dessa jornada.

Ao curso Licenciatura em Educação do Campo, que me proporcionou um aprendizado profundo, oferecendo uma visão holística, permitindo compreender de forma ampla as dinâmicas sociais, culturais e educacionais que envolvem a sociedade. Agradeço ao curso por me permitir ser, um ser mais pensante e menos alienante, despertando em mim uma reflexão crítica sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Sou raça quilombola,
Sou afro brasileiro com amor
Meu canto ecoa forte na avenida
E hoje vou mostrar o meu valor
África, terra de amor, de luta e paixão
Berço de uma nação que mostra o seu real valor
Lágrimas de sangue derramou
Mas um novo tempo aconteceu Em solo brasileiro aportou
Num caminho de grandes jornadas
Da herança de xangô um reino se formou
Nasceu zumbi, o rei de palmares
Guerreiro de um povo negro
A luz da liberdade
Espalhando raízes
Semeando a cultura
Num cultivo de glória
Colhendo proteção
Surgiu assim uma nação
Tem negro quilombola nesse chão
Vem no jongo de angola
No batuque da fé
Capoeira é dança na luta contra o mal
Assim a liberdade então raiou
O sonho se realizou
Uma nova era começou
Abrindo os corações de novas gerações
Na busca de seus ideais
O negro ainda sonha com igualdade
Tem quizomba no terreiro
Tem baluartes e batuqueiros
Cordão é festa popular
E hoje o meu samba é universal
Nas cores do Brasil
Vem coroando o carnaval

Marcio Camargo

RESUMO

Este estudo descreve e analisa aspectos da história, memória e identidade quilombola na comunidade Flores Velha, situada no município de Flores de Goiás. Busca compreender os aspectos históricos e culturais da comunidade, com ênfase na preservação de sua identidade cultural. Entender como os moradores da comunidade local vivenciam e transmitem sua história, suas memórias e suas práticas, elementos essenciais para a afirmação de sua identidade enquanto povo quilombola. A partir dos conceitos de memória coletiva e identidade cultural, a pesquisa analisa como as narrativas orais e tradições locais contribuem para a valorização do património cultural da comunidade. Refletindo sobre o papel da educação como ferramenta de preservação e fortalecimento da identidade quilombola, dentro da perspectiva da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), que integra elementos históricos e culturais nas práticas pedagógicas. Por fim, esta pesquisa pretende contribuir para o reconhecimento e valorização da comunidade Flores Velha, fortalecendo o movimento quilombola como um todo, reforçando a valorização de suas identidades como importância histórica na formação da sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Flores Velha, Quilombo, Ancestralidade, Educação do Campo.

ABSTRACT

This study describes and analyzes aspects of history, memory and quilombola identity in the Flores Velha community, located in the municipality of Flores de Goiás. It seeks to understand the historical and cultural aspects of the community, with an emphasis on preserving its cultural identity. Understand how residents of the local community experience and transmit their history, their memories and their practices, essential elements for affirming their identity as a quilombola people. Based on the concepts of collective memory and cultural identity, the research analyzes how oral narratives and local traditions contribute to the appreciation of the community's cultural heritage. Reflecting on the role of education as a tool for preserving and strengthening quilombola identity, within the perspective of the Degree in Rural Education (LEdoC), which integrates historical and cultural elements into pedagogical practices. Finally, this research aims to contribute to the recognition and appreciation of the Flores Velha community, strengthening the quilombola movement as a whole, reinforcing the appreciation of their identities as historical importance for the formation of Brazilian society.

Keywords: Flores Velha, Quilombo, Ancestry, Rural Education.

LISTA DE SIGLAS

AQFV - Associação Quilombola de Flores Velha

IHGG - Instituto Histórico Geográfico de Goiás

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FCP - Fundação Cultural Palmares

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LEDOC - Licenciatura em Educação do Campo

UNILAB - Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira

PPP - Projeto Político Pedagógico

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e Quilombolas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 08

JUSTIFICATIVA 11

METODOLOGIA 12

CAPÍTULO 1 – A Licenciatura em Educação do Campo como Práxis de Emancipação Social e Cultural para os sujeitos do campo 14

CAPÍTULO 2 – A importância da memória coletiva na preservação da identidade quilombola 18

CAPÍTULO 3 – Raízes ancestrais, a história de Flores de Goiás e o quilombo Flores Velha: Um olhar para o passado e articulações para o presente 23

CAPÍTULO 4 – Mudanças e permanências na cultura da comunidade Flores Velha em Flores de Goiás como: rituais, costumes ancestrais e festividades tradicionais 29

4.1 Tradições que não são mais vivenciadas.....29

4.2 Tradições seculares que ainda são preservadas na região.....32

CAPÍTULO 5 – Narrativas de resistência e autonomia na história local 40

CONSIDERAÇÕES FINAIS 50

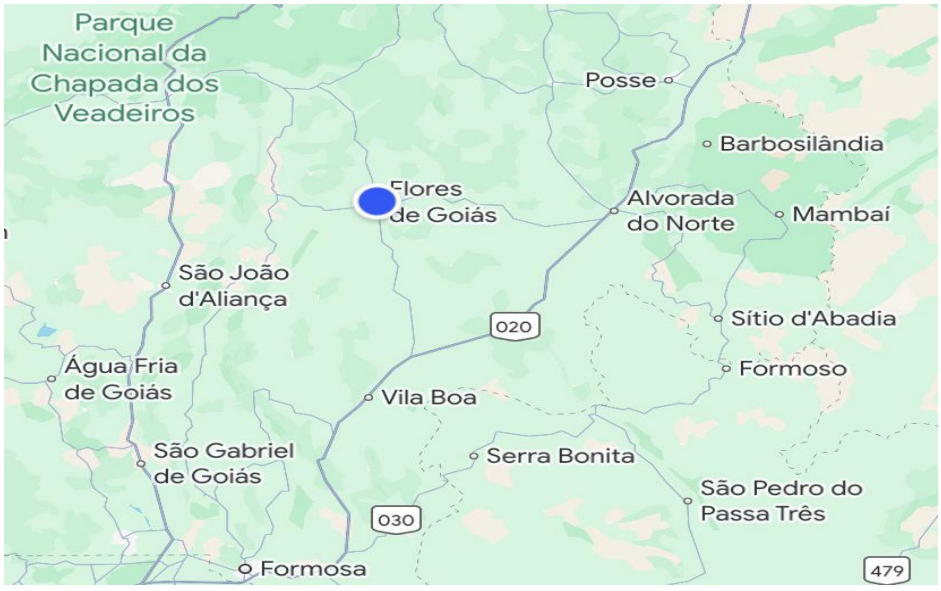
REFERÊNCIAS 52

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva compreender os processos que permearam e permeiam a formação identitária em Flores de Goiás, município do estado de Goiás, com foco na comunidade quilombola Flores Velha, localizada em Flores de Goiás (GO), aprofundando questões poucas debatidas na historiografia local e compreendendo a história, memória e identidade de seus sujeitos protagonistas. Tendo essas categorias como elemento constituinte da cultura de matriz afro-brasileira no município Flores de Goiás. Nota-se a fragilidade na preservação desses aspectos tão importantes.

Flores de Goiás é uma extensa área de planície do extremo leste do estado, convergindo com a Bahia. Em seu relevo, além da extensa área de chapadas, destacam-se também os morros e serras presentes no território. A vegetação predominante é o Cerrado. De acordo com as informações do Instituto Histórico Geográfico de Goiás (IHGG), essa região drena todos os cursos de água que brotam na longa serra geral de Goiás, fronteira com a Bahia, cursos estes que formarão os rios e ribeirões que se dirigirão ao Paranã, em sua margem oriental. O vão limitar-se a Oeste com a imponente Serra Geral do Paranã, mais conhecida nacionalmente como Chapada dos Veadeiros, pois o topo da serra é propriamente o altiplano onde milhares de visitantes frequentam o local.

Figura 1 – Mapa do município Flores de Goiás e seus municípios limítrofes

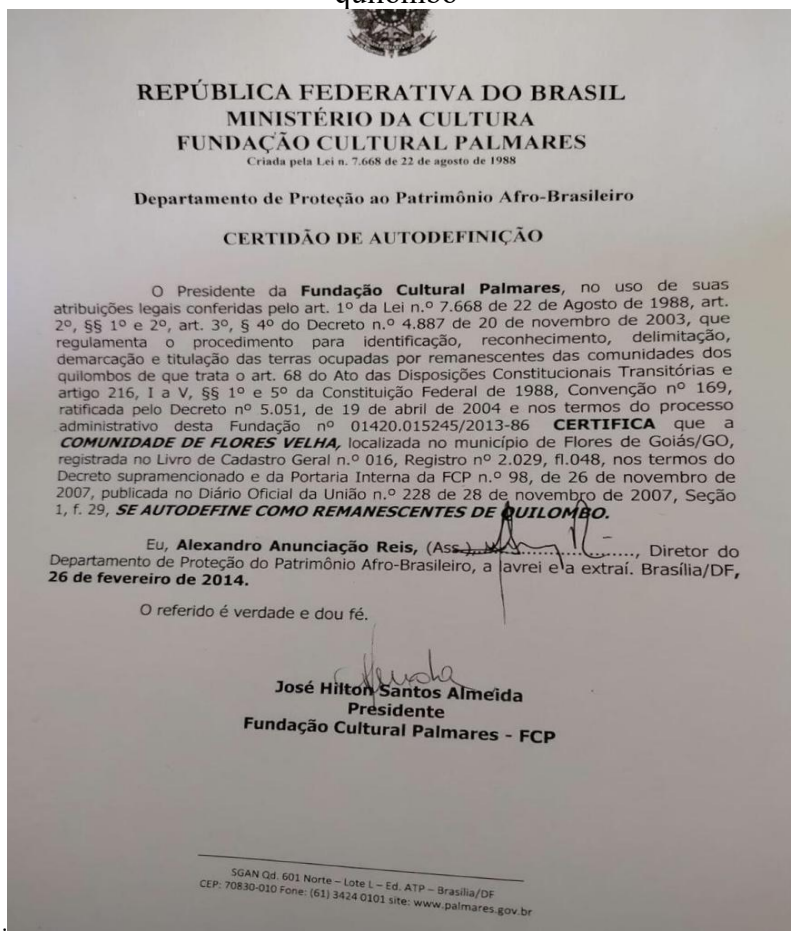


Fonte: Google Maps (2024)

Conforme o último censo do IBGE, de 2022, o município Flores de Goiás possui 13.744 habitantes, destes, 2.476 pessoas são quilombolas. Grande parte da população vive na zona rural, o município possui cerca de 21 assentamentos, entre eles, São Vicente, o maior do estado de Goiás. A principal atividade econômica da região, concentra-se na agricultura e pecuária.

O nome Flores foi estabelecido legalmente através da lei estadual n° 4926, de 14 de novembro de 1963. Elevando à categoria de município, recebendo o nome de Flores de Goiás. O município possui a comunidade quilombola, denominada Flores Velha, reconhecida como uma das remanescentes de quilombos do Brasil (IBGE, 2022). Atualmente certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, em 2014.

Figura 2 – Certidão de autodefinição que reconhece a comunidade como remanescente de quilombo



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.015245/2013-86 **CERTIFICA** que a ***COMUNIDADE DE FLORES VELHA,*** localizada no município de Flores de Goiás/GO, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 016, Registro nº 2.029, fl.048, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, ***SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.***

Eu, **Alexandro Anunciação Reis,** (Ass.) ....., Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **26 de fevereiro de 2014.**

O referido é verdade e dou fé.

José Hilton Santos Almeida
Presidente
Fundação Cultural Palmares - FCP

SGAN Qd. 601 Norte – Lote L – Ed. ATP – Brasília/DF
CEP: 70830-010 Fone: (61) 3424 0101 site: www.palmares.gov.br

Fonte: Associação Quilombola de Flores Velha

De acordo com a presidente da Associação Quilombola de Flores Velha (AQFV), Sebastiana Rodrigues Soares, “na associação, reúne 600 quilombolas como associados, há quilombolas que residem em todo o município, não só na sua área original, pois hoje a

comunidade quilombola evoluiu, se tornando uma comunidade urbana". Apesar do reconhecimento do território quilombola de Flores Velha pela Fundação Cultural Palmares, o processo de regularização fundiária ainda enfrenta desafios, até o momento, não foi concluída a medição exata da extensão territorial, tampouco foram realizados estudos que quantifiquem o número exato de habitantes que vivem na comunidade, este território ainda se encontra em processo de titulação. Formalmente solicitado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a titulação do território da Comunidade Quilombola Flores Velha.

O artigo 68 da Constituição Federal de 1988, reconhece aos remanescentes de quilombos um direito de fundamental importância: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos". Com esse dispositivo a Constituição consagrou o reconhecimento dos direitos étnicos. Ainda que o processo de titulação de territórios quilombolas seja garantido pela Constituição Federal e regulamentado pelo Decreto 4.887/2003, além de contar com atribuições definidas para os órgãos competentes, a conclusão desse processo pelo Incra levará anos ou até mesmo décadas se continuar no ritmo atual (Pajolla, 2024).

O estudo busca investigar e documentar as narrativas e vivências desse povo, oferecendo uma perspectiva que une o passado ao presente, contribuindo para o fortalecimento da memória e identidade quilombola da região. Segundo Silva (2018, p. 26) "pensar sobre a concepção de quilombo implica pensar nas concepções atribuídas ao longo do tempo, implica refletir como esses grupos foram vistos e como são vistos".

A memória das lutas, resistências e conquistas dos primeiros habitantes afrodescendentes da região é o que mantém viva a identidade quilombola, assegurando a continuidade de sua herança cultural. Contudo, é importante reconhecer os desafios e as ameaças que cercam a preservação da memória e da identidade quilombola da localidade. A falta de políticas públicas adequadas representa sérias ameaças à comunidade quilombola. Afetando na manutenção de suas práticas culturais e na transmissão de suas memórias coletivas às gerações futuras.

Diante desse cenário, surge a problemática central desta pesquisa: como garantir a preservação da história, memória e identidade quilombola da comunidade Flores Velha em Flores de Goiás, em meio a desafios socioeconômicos, políticos e ambientais crescentes? Como promover a valorização, assegurando seus direitos territoriais e culturais, fomentando estratégias de desenvolvimento sustentável que respeitem suas tradições e modos de vida? Ressignificar a história da localidade é crucial para fortalecer a identidade cultural, preservar a

memória coletiva e promover a justiça social. Contribui assim para a resiliência contra o apagamento histórico e a marginalização.

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema “História, memória e identidade quilombola em Flores de Goiás: um estudo com ênfase na comunidade Flores Velha” justifica pela necessidade de valorizar e preservar a rica herança cultural e histórica das comunidades quilombolas no Brasil, enfatizo aqui, Flores velha - Flores de Goiás entre tantas outras, marcada por um longo processo de luta contra a escravidão e pela conquista da liberdade. Os quilombos são territórios de resistência que se tornaram uma parte fundamental na construção do nosso país.

Segundo o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui cerca de 7.666 comunidades quilombolas em todo território brasileiro, são mais de 1,3 milhão de quilombolas vivendo em quilombos rurais ou urbanos. O estado de Goiás, possui mais de 110 comunidades quilombolas. (IBGE, 2022). Na região de Flores de Goiás, estão localizados territórios quilombolas como Santa Maria, Chapada e Canabrava, no entanto apesar de sua presença histórica e importância cultural esses territórios ainda não foram oficialmente titulados. Nota-se a importância desses espaços para a preservação da cultura, sendo guardiões de conhecimentos ancestrais, tradições e valores. Essas histórias merecem ser preservadas, analisadas e compreendidas em suas complexidades, uma reflexão significativa para o ser quilombola.

Dentro desse contexto, o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca aprofundar a compreensão desses conceitos ao aplicá-los à realidade da comunidade Flores Velha, uma comunidade quilombola que, apesar de reconhecida como patrimônio cultural, enfrenta desafios relacionados à titularidade de seu território e ao fortalecimento de sua identidade cultural. Espero que esta pesquisa possa contribuir significativamente para a valorização das narrativas, memórias e identidades das comunidades rurais e quilombolas, oferecendo apoio para reflexões sobre as práticas educacionais e políticas públicas voltadas a essas populações. Além disso, almejo que os resultados deste trabalho fortaleçam o papel da Licenciatura em Educação do Campo como uma ferramenta de transformação social, destacando sua importância na formação de educadores capazes de atuar como agentes de mudança nas realidades do campo.

Nessa trajetória, destaco a grande contribuição do curso Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Universidade de Brasília (UnB), não apenas para a construção deste estudo, mas também para meu crescimento como sujeito crítica e reflexivo para a vida. Tem como objetivo formar educadores comprometidos com a realidade, tem me proporcionado mais do que uma formação acadêmica, defende uma metodologia transformadora, em que em cada disciplina ofertada, obtive conhecimentos valiosos para a vida.

Para embasar essa discussão, foi abordado um breve capítulo sobre a importância da LEdoC como uma práxis pedagógica voltada para a transformação social e o fortalecimento da identidade dos sujeitos.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste projeto, adotei uma abordagem metodológica que integrará revisão bibliografia – considerando o escopo de pesquisas sobre quilombos no Brasil e no estado de Goiás, também foram consideradas monografias defendidas no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisa de campo, visando investigar a história, memória e identidade quilombola na comunidade Flores Velha em Flores de Goiás. Buscando compreender sua história passada, especialmente relacionada ao período escravista, e a trajetória de seus antepassados.

As revisões bibliográficas foram essenciais para aprofundar a compreensão dos conceitos que sustentam o meu tema, como história, memória, identidade. As obras escolhidas oferecem uma base teórica sólida, possibilitando uma análise crítica sobre a realidade das comunidades rurais e quilombolas, abordando os desafios enfrentados por essas populações no acesso à educação e no fortalecimento de suas identidades.

A pesquisa de campo foi conduzida por meio da aplicação de questionários estruturados, com técnicas de entrevistas semiestruturadas e a utilização da metodologia de história oral. Utilizei a gravação de áudio e escritas para documentar os relatos e experiências dos membros da comunidade, sempre obtendo o consentimento prévio dos entrevistados. Um dos principais focos foi a coleta de informações sobre as tradições culturais da comunidade, busquei compreender suas práticas cotidianas, manifestações culturais e rituais religiosos. Para isso, entrevistei moradores mais velhos da região, que possuem conhecimento sobre a história e a memória quilombola.

A metodologia utilizada neste estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa, com o intuito de compreender as percepções e experiências do público-alvo em relação ao tema

investigado. Os sujeitos da pesquisa tiveram como foco as pessoas de mais idade que residem na localidade, consideradas guardiãs da memória coletiva quilombola. Os entrevistados foram compostos por pessoas de ambos os sexos (masculino e feminino).

O objetivo do delineamento desta faixa etária foi selecionar grupos que vivenciaram ou possuem uma experiência mais direta com as questões históricas e identitárias do quilombo Flores Velha. Assim, a partir disso, podemos ter um olhar mais profundo e rico sobre as experiências deste grupo.

Apesar disso, a juventude é um público importante para a compreensão da identidade quilombola, entretanto, para atingir os objetivos da presente pesquisa, optei por dar visibilidade às pessoas mais velhas.

Para pesquisas futuras, é fundamental incluir a juventude como sujeito de investigação, uma vez que sua perspectiva pode enriquecer a compreensão da identidade quilombola. A inclusão desse grupo ampliaria o escopo das pesquisas, como também fortaleceria a conexão entre passado, presente e futuro, garantindo uma abordagem mais abrangente da identidade quilombola.

Utilizei técnicas de entrevista aberta para estimular a narrativa oral e o compartilhamento de experiências, e posteriormente transcrevi os relatos para análise de dados. Esta metodologia permitiu a documentação e registro das narrativas quilombolas, como também a construção de um conhecimento colaborativo e participativo, valorizando a voz e as experiências dos próprios membros da comunidade.

Conforme Rocha (2024), para compreendermos a complexidade dessa interação, é necessário iniciar a jornada histórica revisitando as raízes, onde ocorreu a ocupação por negros refugiados, constituíram o território quilombola, representando uma história de resistência contra a opressão e a injustiça. Os primeiros habitantes, fugidos da escravidão, encontraram neste pedaço de terra não só um lar, mas um espaço para reconstruir suas vidas e preservar suas tradições. De acordo com Caldart et al. (2012, p. 656):

> Lutar pelo território significa buscar manter e, mesmo, reconstruir práticas, saberes, sociabilidades, formas de relação com a natureza e patrimônios culturais e históricos (memórias), entre outros aspectos inerentes aos processos de territorialização de cada grupo. Em cada comunidade, tais agendas assumem configurações variadas, com maior ou menor peso, mas a articulação das comunidades em luta evidencia a importância da dimensão territorial dos quilombos. A manutenção desses costumes e tradições é base para sustentos, para reprodução material simbólica, como também, inequivocamente, é forma de resistência às múltiplas dimensões do capitalismo.

CAPÍTULO 1 – A Licenciatura em Educação do Campo como práxis de emancipação social e cultural voltada aos sujeitos do campo

De acordo com Xavier (2023, p. 3) "a Educação do Campo surge na perspectiva da formação do sujeito do campo para além da transformação da sua realidade, mas também transformar a sociedade em que vive".

O curso Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) tem como proposta uma metodologia inovadora e inclusiva, voltada para a valorização das realidades e saberes das comunidades tradicionais. Desempenha um papel crucial na construção de uma educação crítica, que busca romper com a invisibilidade e a marginalização histórica dessas comunidades. Possibilitando a formação dos sujeitos do campo como protagonistas de transformação, na conquista de uma autonomia consciente, bem como a valorização de suas raízes culturais.

> O curso de Licenciatura em Educação do Campo no Brasil, parte de demandas por políticas de ensino ligado com as lutas dos camponeses. A Educação do Campo luta por escolas em acampamentos, assentamentos, comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos e em áreas onde o camponês está inserido. Não basta ter escolas no campo, se os professores não são comprometidos com o campo e com a luta camponesa (Xavier, 2023, p. 10).

A LedoC reflete uma abordagem contextualizada e dialógica, tendo como um de seus pilares fundamentais a coletividade. Adentra no espaço acadêmico como fruto de lutas históricas de movimentos sociais, reivindicando uma formação voltada à emancipação humana. Luta por uma educação de qualidade refletindo a realidade dos sujeitos do campo. Uma educação que se constrói a partir do território onde os sujeitos estão inseridos, que vai além da sala de aula e que não se limita a uma formação teórica, mas busca uma formação que se realiza também na prática. Conforme UnB (2018, p. 15),

> o curso contribui para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência prática para políticas e pedagogias da Educação do Campo. Dessa forma, insere-se num esforço de afirmação da Educação do campo como política pública, em processo de construção de um sistema público de educação para as escolas do campo. Essas Licenciaturas em Educação do Campo objetivam ainda promover a formação de educadores por áreas de conhecimento, habilitando-os para a docência multidisciplinar nas escolas do campo, organizando os componentes curriculares a partir de três grandes áreas: Artes, Literatura, e Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza.

O curso fundamenta em uma base teórico-metodológica ancorada em autores revolucionários da educação, tendo como eixo principal a concepção de educação libertadora e problematizadora de Paulo Freire, que valoriza uma abordagem crítica e transformadora do ensino, em oposição ao modelo da educação bancária.

> Na educação bancária, o educador aparece como o seu indiscutível agente, cuja tarefa é encher os educandos de conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram, e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavras oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (Freire, 1987, p. 57).

Enquanto os educandos, que devem adaptar-se às suas prescrições, são meros objetos. Freire, compreende que a educação bancária é um meio de opressão que desvaloriza o diálogo e a troca, as quais são essenciais para a verdadeira emancipação, pois essa abordagem de ensino sufoca a criatividade e a autonomia dos estudantes, reduzindo-os a uma posição passiva e sem liberdade para explorar ou questionar. A crítica à educação bancária, apontada por Freire, se alinha diretamente com o propósito da LEdoC de desenvolver uma consciência crítica nos estudantes, incentivando-os a refletir sobre suas condições de vida e a atuar para transformar suas comunidades. “Esta perspectiva educativa tem como horizonte o processo de humanização dos sujeitos. Busca promover a humanização dos sujeitos através de uma educação que os insira na realidade ao seu redor, incentiva os indivíduos a reconhecerem as contradições em suas relações com o mundo” (Cherlei, 2020, p. 22).

A Licenciatura em Educação do Campo, adota a modalidade de alternância, com uma organização pedagógica estruturada em dois tempos: Tempo Comunidade e Tempo Universidade, como percurso formativo dos estudantes da LEdoC. Essa alternância permite que os discentes conciliem a vivência em suas comunidades com o aprofundamento acadêmico, proporcionando uma formação conectada às suas realidades.

No Tempo Comunidade é apresentada uma proposta de estudo que busca integrar os saberes e conteúdos abordados na etapa universitária, com experiências vividas pelos estudantes e suas famílias nas comunidades. Desenvolvem atividades pedagógicas e de observação da realidade, do território, do ambiente escolar, refletindo sobre as demandas e os desafios educacionais presentes na localidade. “A pesquisa de TC é essencial para identificar os principais problemas que afetam a vida dos sujeitos e entender o modo pelo qual as pessoas percebem e compreendem as suas questões” (Cherlei, 2020, p. 109).

No Tempo Universidade, essas vivências são discutidas em profundidade, com a ajuda de teorias e conceitos que dialogam diretamente com as realidades observadas.

Conforme atesta o Projeto Político Pedagógico da LEdoC:

> Cada Tempo Universidade está estruturado em diversos tempos educativos, tempo aula: tempo cultura; tempo estudo, dentre outros, que visam organizar o tempo pessoal e o tempo coletivo dos estudantes em relação a demandas necessárias ao cumprimento do processo formativo pretendido, tanto na dimensão acadêmica, quanto na auto-organização. Nesta matriz, a alternância é compreendida tanto como metodologia, como também pedagogia materializando e oportunizando novas estratégias de produção de conhecimento, que buscam verdadeiramente incorporar os saberes dos sujeitos camponeses. Os educandos que se candidatam à formação inicial na Licenciatura em Educação do Campo, permanecem em média 60 dias na Universidade, com aulas em período integral, e na sequência 120 dias, em média, nas comunidades camponesas e nas escolas lá existentes, onde moram e trabalham conhecido como Tempo Comunidade, para posterior regresso a outro período formativo na Universidade (UnB, 2018, p. 60).

Vale ressaltar que a LEdoC enxerga a educação como um instrumento de resistência e emancipação das comunidades do campo, muitas vezes invisibilizadas nas políticas públicas. Ao formar educadores que compreendem a importância de uma educação crítica e voltada para as necessidades locais, o curso fortalece a luta pela melhoria da qualidade de vida no campo, promovendo a autonomia das comunidades e a preservação de suas identidades.

> Para tanto, a alternância apresenta-se como ferramenta fundamental, pois possibilita aproximar a Universidade dos processos de produção de conhecimento e das contradições reais nas quais os sujeitos do campo estão inseridos durante o processo contínuo de materialização e construção da sua vida (Molina *et al*., 2018, p. 60).

Molina *et al.* (2018) enfatiza que esta metodologia permite que os estudantes integrem suas experiências e desafios da vida ao ambiente acadêmico, fortalecendo a interação entre teoria e prática. Valorizando profundamente a realidade concreta dos sujeitos do campo, reconhecendo suas vivências, culturas e territórios, onde os sujeitos se tornam educadores que enxergam a educação como uma prática social, conectada às suas origens pois oferece uma formação comprometida com a justiça social.

> O Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo é inovador e contra-hegemônico dentro de qualquer curso de graduação. Um elemento fundamental para pensar nessa contra-hegemônica é entender que os trabalhadores do campo estão dentro das universidades. A hegemonia em todo seu processo histórico, sempre excluiu os trabalhadores do campo ao direito à educação básica, agora esses estão fazendo curso superior. Esse é apenas um de muitos desafios que devem ser entendidos em um curso superior para o povo camponês. Questões como entender a disputa do modelo de campo não se desvincula do processo educativo, assim, consolidando dentro da formação do sujeito do campo uma visão global do desafio a ser enfrentado, construindo consciência de classe, visão de mundo e se inserindo nas lutas dos movimentos sociais, nos trabalhos coletivos, nas organizações de suas comunidades entre outros (Xavier, 2023, p. 13)

Dentro do Projeto Político Pedagógico (PPP) da LEdoC, há disciplinas especificamente voltadas à realidade local. A disciplina de Pesquisa e Memória, por exemplo, oferece uma

contribuição fundamental para a minha pesquisa, pois ensina metodologias que são essenciais para a compreensão e reconstrução da história e memória dos territórios, os saberes e fazeres tradicionais, a preservação das narrativas identitárias de um grupo. Compreendendo as raízes culturais, as lutas sociais e as transformações vividas pelas comunidades.

Como licencianda em Educação do Campo, percebi a importância do registro das nossas culturas e tradições. É através dessa práxis, fundamentada na minha realidade, que me aprofundo na valorização da história, memória e identidade quilombola na comunidade Flores Velha. Essas narrativas merecem ser vistas com mais respeito e atenção, pois retratam a trajetória de um povo que, por meio de lutas e resistências, protagonizou sua própria história, afirmando-se na busca por direitos e pela preservação de sua identidade.

Quando partimos de uma visão holística das coisas, aprendemos que não há conhecimento isolado ou experiência desvinculada do contexto em que está inserida, cada aspecto da vida seja ele social, cultural, econômico ou ambiental, se entrelaça de maneira profunda com a realidade dos sujeitos (Reck, 2023).

> Ao falar da educação do campo, retrata-se luta, persistência, compromisso, esperança, valorização e compreensão. Esta tem como fundamento uma educação com uma concreta qualidade, pois a metodologia principal é a coletividade, essa proposta está alicerçada na realidade dos sujeitos do e no campo, em que se liga diretamente com as histórias, memórias, identidades, territorialidade e práticas pedagógicas que, de fato, dialogam com a realidade própria da comunidade para que assim adotem práticas educativas capazes de atender às necessidades do povo (Costa, 2015, p. 22)

É importante refletirmos sobre a LEdoC, como um marco das conquistas dos movimentos sociais que lutaram e continuam lutando por uma educação que reconheça e valorize as riquezas culturais e históricas dos povos do campo. Como práticas pedagógicas que dialogam com a realidade dos territórios, se constitui como um espaço de resistência e transformação, no propósito de uma sociedade mais equânime.

Ao explorar a interseção entre história, memória e identidade quilombola no território Flores de Goiás/Flores Velha, busquei não só compreender o passado bem como refletir sobre o presente. Esse exercício nos dá a possibilidade de reconhecer a importância da preservação e valorização tanto do patrimônio cultural material quanto imaterial, como também os desafios enfrentados pela comunidade na atualidade.

A memória, por sua vez, é um elemento central na construção da identidade desses sujeitos. Transmitida oralmente de geração em geração, ela se manifesta em práticas culturais, tradições religiosas, formas de organização social e até mesmo na relação com o território. É por meio dessas memórias que se reafirmam valores, crenças e modos de vida próprios, enraizados em uma história compartilhada de luta e resistência (Silva, 2016).

CAPÍTULO 2 – A importância da memória coletiva na preservação da identidade quilombola

> Tratar bem a memória não é somente vislumbrar uma peça antiga, mas é dar luz ao obscuro mundo da história perdida; é dar ao cidadão a chance de se identificar com o lugar onde mora; é tornar o seu povo muito mais politizado e comprometido, seguros de si e unidos por um propósito em comum (Rodrigues; Machado, 2010, p. 47).

A importância da memória coletiva na preservação da identidade quilombola é um tema central para compreendermos não apenas a história, mas também a própria essência das comunidades quilombolas e regiões quilombolas. A memória coletiva é um elemento crucial a qual atravessa gerações, transmitindo valores, tradições e experiências que moldam a identidade dessas comunidades ao longo do tempo.

> Nas terras em que vivem, repousa um "rico" passado. O presente e futuro da comunidade são planejadas de modo simples, mas repleto de bens inestimáveis, sua terra/seu solo, onde tudo que viveram, vivem e viverão está registrado na memória. O "solo" é para esse povo o seu documento histórico, cada pedaço de terra detém/retém um traço em particular, um modo de não esquecer as lutas e as conquistas que alcançaram (Ramalho, 2015, p. 49).

Ou seja, a memória é vida, é o fio condutor, enquanto transmissão de saberes, enquanto ancestralidade, permitindo que conhecimentos e práticas sejam ressignificadas no tempo. Esse processo possibilita a formação de novas identidades por meio da revitalização da memória, garantindo que a essência cultural das comunidades quilombolas se mantenha viva e adaptável às mudanças (Giovanella, 2010; Lopes, 2024).

Para compreendermos a relevância da memória coletiva nesse cenário, é necessário inicialmente compreender o que significa ser quilombola. O termo "quilombo" remonta aos tempos da escravidão no Brasil, quando os africanos e afrodescendentes fugidos da escravidão, buscavam refúgio em territórios livres, onde formavam comunidades autônomas conhecidas como quilombos. Essas comunidades representavam locais de resistência e liberdade, além de espaços onde se desenvolviam formas próprias de organização social, cultural e econômica (Santos; Ferreira; Moreira, 2024).

A memória coletiva quilombola se origina dessas experiências históricas e se mantém viva através das narrativas transmitidas oralmente de geração em geração. São relatos de lutas, conquistas, tradições e saberes ancestrais que se tornam parte indissociável da identidade quilombola. Como podemos compreender, essas narrativas não se limitam apenas aos eventos

passados, mas também incorporam os valores e princípios que guiam a vida cotidiana das comunidades quilombolas até os dias de hoje (Paulino, 2023).

> Por isso a importância de preservar essa memória, pouco registrada, que hoje está mais na lembrança daqueles que participaram e que viveram. Se não há memória, se não há registro, possivelmente esse coletivo e toda a sua luta ficam vulneráveis a tal ponto que todo esse processo pode se perder e cair no esquecimento (Silva, 2018, p. 17).

Silva (2018), ressalta a necessidade urgente de preservar a memória coletiva das comunidades quilombolas, que muitas vezes permanece na oralidade daqueles que vivenciaram os eventos históricos. Sem esses registros, há um risco iminente de que essas histórias de luta e resistência se percam com o tempo. Essa realidade nos obriga a refletir sobre as formas de documentar e perpetuar essa memória. É crucial implementar estratégias que garantam a preservação dessas narrativas, seja por meio da gravação de depoimentos, da escrita de histórias comunitárias, ou da criação de arquivos digitais.

> As experiências de homens e mulheres, ao serem redimidas pela memória, criam condições para se inscrever no presente os apelos do passado. Assim a reconstrução das experiências permite refletir sobre seus significados nas ações da vida cotidiana onde a história transcorre (Saraiva, 2010, p. 2).

As festas, rituais e tradições locais, são exemplos de reconstrução das experiências, ao mesmo tempo permitindo que a comunidade se reconecta com suas raízes, reinterpretando as experiências de seus antepassados de maneira que façam sentido no contexto atual. É importante ressaltar que as manifestações culturais são assuntos muito falado e muito importante para todo o território, seja a dança, músicas e cantigas no qual tende valorizar e entender a história. Em comunidades como a de Flores Velha, de Flores de Goiás, o esquecimento dessas histórias ameaça desintegrar a coesão social e cultural.

Ao longo do tempo, a história e as lutas desses povos têm se desvanecido, ameaçando a essência e a razão de sua existência. A batalha por um pedaço de terra foi fundamental para que essas comunidades pudessem estabelecer suas vidas e culturas em um espaço próprio. Historicamente, os quilombolas enfrentaram tensões e conflitos significativos para garantir seu direito à terra, um recurso importante que sustenta suas tradições. A preservação dessa memória, muitas vezes passada oralmente, é vital para manter viva a história dessas lutas (Silva, 2018).

> Nos tempos de acampamento, havia uma união maior entre os moradores, que juntos realizavam atividades coletivas, como a construção de hortas comunitárias e festas tradicionais, eram momentos único de reconexão com as raízes culturais. Essas tradições precisam ser documentadas e valorizadas para evitar que se percam. Através

> de estudos e entrevistas com os membros mais experientes da comunidade, é possível reconstruir e registrar essa rica história (Silva, 2018, p. 17).

Abadia (2019), reforça que a história oral é um recurso poderoso para incorporar as memórias de diversos indivíduos, transformando-os em sujeitos históricos ativos. Portanto, a preservação da memória coletiva não só resgata o passado, mas fortalece a identidade e a resistência das comunidades quilombolas diante das ameaças externas. Ao manter viva sua história, esses grupos garantem que suas lutas e conquistas sejam lembradas e celebradas pelas futuras gerações.

O conceito da memória é crucial, e nesse sentido as autoras expõem o seguinte: “Uma cidade sem memória é uma cidade sem história, largada às moscas, onde qualquer um vem e suga o que tiver de melhor e vai embora, onde os cidadãos vivem individualmente, sem se preocupar com o social, uma cidade estagnada econômica e socialmente, violenta e pobre” (Giseli Machado, 2010, p. 26).

Ao reivindicarem o reconhecimento de suas terras ancestrais, as comunidades quilombolas se baseiam não só em documentos legais, visto que isso lhes garante direito de acesso às terras, bem como a memória viva dos mais velhos, que testemunharam a ocupação histórica e ancestral desses territórios. A memória coletiva se torna, assim, uma arma de resistência e de reivindicação de direitos, que fortalece a luta pela titulação das terras quilombolas e pela garantia de autonomia e dignidade das comunidades (Silva; Paulino, 2023).

É através da transmissão oral dessas memórias que os modos de vida, valores e práticas culturais são mantidas. A oralidade torna-se então, um veículo essencial para a compreensão do ser e do viver dentro dessas comunidades. Estas capturam e registram as experiências e histórias vividas, garantido que a história das comunidades e das pessoas que as compõem seja preservada e transmitidas de geração em geração. Sendo uma ponte que une as gerações e que mantém viva a chama da resistência e da ancestralidade, assegurando a continuidade e a perpetuação das comunidades quilombolas ao longo do tempo. Por isso, é fundamental reconhecer e fortalecer esse elemento histórico de inestimável valor para o povo quilombola e para toda a sociedade brasileira (Gomes, 2024).

Reconhecer a voz dos próprios membros da localidade é significativo para o fortalecimento desse legado histórico. No que se refere à esse conceito, apresento a seguir uma reflexão significativa da escritora Deuzimar Souza Ferreira, residente da cidade Flores de Goiás, onde apresenta em seu livro “História de Flores de Goiás 1653 á 1993”, uma carta profunda e reflexiva ao povo Florence, aborda com profundidade, o espírito de resistência e a

rica herança cultural que permeia essa região. Suas palavras ressoam como um eco das vivências e aspirações coletivas, e nos lembram da importância de valorizar e preservar essa história. Deuzimar escreve com a sabedoria de quem vive e compreende a luta e a força de sua localidade. Sua carta é um testemunho de resistência e esperança, contribuindo na importância da memória como guardiã das histórias e vivências quilombolas.

Carta ao Povo Florense: Sertão Andante.

Negro, valente e forte
De onde vem?

Seja qual for o destino, aqui chegou e tomou posse, desbravou e aconchegou. Confiou no seu mundo menino e com grande certeza no amanhã.

Escravo fugitivo?
Ou senhor do engenho?
Veio à procura da sorte ou foge da sorte que vem?

Chegou valente e galante, pisou firme no amanhecer, deitou confiante no mundo, cavou a sorte como se cava a dor. Dor de um novo povo sofrido, que descobriu bem no fundo do eu, que lá só existia amor. Amor pela terra firme e pelo filho que sobrou. Filho de sangue forte, que abrange de sul a norte.

Aqui ou mais ali, existem mãos que se sujam no solo e o solo espera por elas. Mãos negras, trêmulas, vibrantes como o sol do meu sertão. Mãos com unhas sujas da terra e o calo como símbolo do heroísmo futuro.

Quem a viu de enxada nas costas e um cantil de água do lado, alpercatas de couro cru, que levantava a poeira das estradas? Poeira que ia mais alto e bem mais longe que o caminho que seguia. E para ele, tudo era sagrado. Era acordar de manhãzinha, “a muié fazê garapa pra fiarada tomá com farofa de carne seca. E quando cumpade Mané chegava era a mais satisfação. A cumade fazia angú e cuscuz enquanto Zé tocava a viola e cantava uma canção.” Isso era nas horas de folga, pois a vida aqui, não era fácil não. Trabalhava de sol a sol para ao filho ofertar o pão.

Levarei as minhas terras, disse o povo Florense. E vou longe, muito longe.
Quando lá no alto eu estiver, olharei para trás, com muito orgulho e cantarei glória.
Que diriam hoje, nossos ancestrais, se vissem a pose de nossa cidade, que quer mais sempre mais, cantariam bis aos seus filhos ou fariam o que você faz: lutar pelo que é belo e na terra semear a paz. (Ferreira, 2004, p. 21).

A escritora apresenta a figura do sertanejo, seja ele escravo fugitivo ou senhor do engenho, ressaltando sua força, valentia e a importância de seu papel na construção da nova terra. A referência ao "negro, valente e forte" destaca a coragem e resiliência dos bravos guerreiros que enfrentaram adversidades e moldaram a região. Além disso, o texto explora a dualidade entre buscar a sorte e fugir dela. Há uma reflexão sobre o desejo de prosperidade e a

luta constante, simbolizada pelo ato de "cavar a sorte como se cava a dor". Isso sugere que a busca por uma vida melhor é acompanhada de sofrimento e desafios, mas a resiliência é crucial para persistir diante das adversidades.

A descrição da vida cotidiana e dos esforços do sertanejo, como o trabalho duro e as tradições familiares, é apresentada com um tom reverente. As cenas de preparo de alimentos e o encontro com amigos destacam o valor das pequenas coisas e a importância da comunidade e da cultura. O final da carta é um tributo ao legado dos ancestrais e ao orgulho da cidade. Há uma ênfase na continuidade e no desejo de deixar uma marca positiva para o futuro. O sentimento de orgulho e a visão de uma cidade em crescimento são expressos como um testemunho do esforço e do sacrifício dos que vieram antes.

O texto conclui com um apelo à valorização do que é belo e ao cultivo da paz, refletindo uma mensagem de esperança e de construção de um futuro mais justo e equânime. A referência aos ancestrais que "lutariam pelo que é belo" sugere que o legado é mais do que apenas sobrevivência, mas também a busca por um mundo melhor, uma herança de valores e ideais que devem ser honrados e cultivados e a memória se torna um elemento crucial nesses eventos e valores.

Saraiva (2010) aponta a importância da história oral, numa metodologia que busque reconstruir o passado, tornando possível que o campo de interpretação da história incorpore memórias de vários sujeitos, que se tornam então, sujeitos históricos. “A memória é um campo de atuação da história. Mas muito tempo, a história se preocupou em registrar experiências somente de alguns grupos, excluindo outros” (Saraiva, 2010, p. 1).

Nessa percepção é crucial refletir a maneira como a memória e a história são interligadas e, ao mesmo tempo, limitadas por escolhas de quem as registra, priorizando determinados grupos, frequentemente aqueles em posições de poder ou influência, enquanto marginaliza ou silencia outros. Por muito tempo, a historiografia tradicional privilegiou as narrativas de grupos dominantes, silenciando as vozes e experiências de comunidades marginalizadas. Esta sistemática não apenas distorce a compreensão completa do passado, mas também perpetua desigualdades e injustiças no presente. Logo, a recuperação e valorização das memórias dessas comunidades é uma questão de justiça histórica, um passo essencial para construir uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

CAPÍTULO 3 – Raízes ancestrais, a história de Flores de Goiás e o quilombo Flores Velha: olhar para o passado e articulações para o presente

Goubert (1998, p. 70) salienta que "a história local é aquela que diz respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média um grande porto ou uma capital, estão além do âmbito local". Esse conceito enfatiza a importância de estudar comunidades específicas para entender suas particularidades culturais, sociais e econômicas. Neste contexto, para compreender a história é necessário explorar suas origens e desenvolvimento. Ao longo dos anos, Flores de Goiás tornou-se um símbolo de identidade e tradição, pois em todo território há uma conexão com o legado ancestral como os costumes e tradições culturais. Cada pedaço de terra, cada rio, carrega a memória de um passado marcado por lutas e conquistas. A seguir, a figura retrata aspectos culturais e territoriais da comunidade:

Figura 3 – Comunidade Quilombola Flores Velha, em Flores de Goiás.



Fonte: Prefeitura de Flores de Goiás

Como destaca Gomes (2015, p. 1):

> Hoje, espalhadas por todo o Brasil, vemos surgir comunidades negras rurais (algumas já em áreas urbanas e suburbanas de grandes cidades) e remanescentes de quilombos. Elas são a continuidade de um processo mais longo da história da escravidão e das primeiras décadas da pós-emancipação, época em que inúmeras comunidades de fugitivos da escravidão (e também índios e desertores militares), e depois aquelas com a migração dos libertos, se formaram. Não se trata de um passado imóvel, como aquilo que sobrou posto nunca transformado de um passado remoto. As comunidade de fugitivos da escravidão produziram histórias complexas de ocupação agrária, com seus processos de identidade e cidadania. Criação de territórios, cultura material e imaterial próprias baseadas no parentesco e no uso e manejo coletivo da terra.

O território remonta ao período colonial, quando a área começou a ser habitada por grupos de negros fugitivos das plantações de cana-de-açúcar do litoral do sertão baiano e das minas de ouro, chegaram às margens do rio Paranã, por volta do século XVII, um período turbulento no Brasil colonial, ali formaram um quilombo, chamado Conceição, composto

também por indígenas. No entanto, é relevante destacar que as informações do IBGE não especificam quais grupos indígenas estavam presentes nessa composição (IBGE, 2010).

Algum tempo depois, chegaram na região, fazendeiros a procura de ouro, pois havia rumores de que nas margens do rio Paranã existiam grandes jazidas auríferas. Com o declínio da extração do ouro, a população que se estabeleceu na região passou a se dedicar à agricultura e à pecuária, ocorrendo nesse percurso a fundação do arraial Vila de Flores. A história do município Flores de Goiás, antigo Arraial Vila de Flores, foi construída pelo baiano Joaquim Rodrigues Tomar em 1653. Julga-se que o arraial foi fundado por escravos e fazendeiros na época.

No período, a expansão das fazendas de gado e a busca constante por terras produtivas levaram os senhores de engenho a cobiçarem o território do quilombo, os fazendeiros organizaram expedições para exploração de todo território. O quilombo, inicialmente conhecido como Conceição, passou a ser chamado de quilombo Flores Velha ao longo dos anos, preservando sua identidade mesmo diante das transformações e desafios enfrentados (Ferreira, 2003).

Após grandes lutas conquistaram a certificação de remanescentes de quilombo pela Fundação Cultural Palmares em 2014, sendo um avanço importante na preservação da identidade e direito territorial. Atualmente, o local possui uma Associação Quilombola Flores Velha (AQFV), fundada em 17 de Junho de 2014, presidida por Sebastiana Rodrigues Soares, professora, negra e quilombola, que desempenha um papel fundamental na organização da comunidade e na preservação de sua cultura e história.

Segundo o decreto n° 4.887 de 2003, no art. 17, as comunidades quilombolas são representadas pelas associações legalmente constituídas. Neste sentido, essa representatividade legal da comunidade impacta positivamente na organização das comunidades, que conseguem a regulamentação de procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas (Brasil, 2003).

Durante a busca de correlações com organizações como a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a presidente da associação, Sebastiana Rodrigues, informou que a comunidade Flores Velha possui vínculo com a CONAQ, levando em consideração que e uma identidade de âmbito nacional que representa as comunidades quilombolas. Até o momento, não há associação com outras organizações ou entidades relacionadas. neste sentido, a vinculação da associação a organizações articuladoras é de grande importância para a comunidade, considerando o fortalecimento da luta quilombola em busca de direitos e conquistas para a população.

Desde o período colonial, quando a escravidão cruelmente moldava a sociedade brasileira, o território Flores de Goiás, foi também cenário de lutas pela liberdade e pela preservação da identidade cultural dos negros que ali habitavam. Assim como outros territórios quilombolas, que tem suas origens ancoradas nesse movimento de resistência, representando um elo vivo com o passado escravocrata do país (Nascimento, 2021).

Oliveira (2011) ressalta que, o Estado de Goiás é lar de diversas comunidades com destaque para quilombolas e indígenas "o atual território goiano apresenta uma diversidade étnica bastante reduzida no que tange a presença de territórios indígenas, atualmente possui apenas três terras homologadas pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Os Karajá, os Tapuio e os Avá-canoeiro."

> As aldeias existentes no território goiano são caracterizadas por pequenos núcleos demográficos que marcam a diversidade étnica do território goiano. Mas, é pela resiliência em afirmarem-se como indígenas durante anos de pressões dos colonizadores, e depois da sociedade nacional, é que pode-se reconhecer os karajá, os Avá-Canoeiro e os Tapuio, como mestres de sabedoria e força por (re)existirem historicamente contra diversas investidas de violência física, social, cultural, e epistêmica. A localização de cada terra indígena em Goiás e de cada um desses povos representa um modo de narrar a história que esculpiu a formação do Brasil. Esses povos mostram que escolheram maneiras de continuar lutando por si mesmos e pela cosmovisão que permeia suas escolhas e seus modos de ser, estar e explicar o mundo. Contudo, a luta política pela garantia da concretização de direitos para assegurar que cada povo indígena exista a partir de seus próprios termos, constitui-se, ainda hoje no século XXI, um desafio que cada povo parece ter desde o início do processo de colonização de nossas terras (Silva *et al*., 2018 p. 1).

Ao longo da história, a região também foi habitada por diferentes povos que contribuíram para sua formação. Atualmente Goiás se destaca como um estado multicultural. A cultura goiana é resultado da mistura de diversas influências, com ênfase na cultura quilombola e indígena, que continuam a preservar seus costumes e tradições no estado se tornando um importante polo cultural do país, onde diferentes manifestações artísticas e culturais celebram a diversidade e a história do povo goiano (Oliveira, 2011).

No contexto histórico brasileiro, a formação das comunidades quilombolas se deu como uma resposta à brutalidade da escravidão e à busca por liberdade. Esses espaços surgiram como refúgios para os negros fugidos das fazendas e senzalas, onde puderam reconstruir suas vidas de forma autônoma, preservando suas tradições culturais e resistindo à opressão (Hostensky, 2020). "O Brasil é o maior país africano fora da África. É muito mais africano do que a elite brasileira gostaria." afirma o embaixador do Brasil José Carlos de Araújo, durante palestra na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

Souza (2018, p. 1), reforça que:

> Grande parcela da população é formada por negros e pardos; segundo pesquisas, o Brasil é o país com a segunda maior população de origem africana no mundo, atrás apenas da Nigéria. Os africanos trouxeram para o país suas crenças, sua culinária e suas formas de sociabilidade. Todavia, com toda a riqueza da influência das matrizes africanas em nossa cultura, sabemos muito pouco sobre esse continente e sua cultura, assim como sua contribuição para a cultura brasileira.

É essencial enfatizar que o Brasil possui uma herança africana rica, no entanto muitas vezes é subestimada ou desvalorizada por setores da elite brasileira que, historicamente, têm tentado se distanciar das raízes africanas do país. A reflexão busca provocar sobre a necessidade de reconhecer, valorizar e integrar plenamente essa identidade afro-brasileira na construção da narrativa nacional. Apontando para a importância de superar preconceitos e invisibilidades, reconhecendo que a África e seus descendentes exerce um papel central na identidade e na história do país.

Ao longo dos séculos, as comunidades quilombolas enfrentaram inúmeros desafios e adversidades, mas também celebrou conquistas importantes em sua luta por reconhecimento e justiça social. Desde o período pós-abolição, as comunidades quilombolas têm batalhado pelo reconhecimento de suas terras ancestrais, muitas vezes enfrentando a resistência do poder público e de grandes latifundiários (Andrade *et al.,* 2022). Na comunidade Flores Velha, essa luta não foi diferente, a conquista do título de propriedade das terras quilombolas ainda representa um desafio.

> Uma identidade constrói-se a partir do conhecimento da forma como os grupos sociais viveram e se organizaram no passado, mas também da verificação da forma como se estruturam para fazer face aos problemas do presente, tendo uma componente que aponta para o futuro, pelo modo como este se prepara através da fixação de objetivos comuns (Manique; Proença, 1994, p. 24).

Por meio das tradições orais, das práticas culturais e das narrativas transmitidas de geração em geração, os moradores ainda mantêm viva a história e os valores deixados por seus antepassados.

Conforme Lisboa e Pereira (2023) a participação ativa dos próprios quilombolas na elaboração e implementação de políticas públicas é fundamental para garantir que suas necessidades e demandas sejam atendidas de maneira eficaz e respeitosa. A formação da região representou tanto um ato de resistência quanto uma reestruturação notável da identidade e da cultura afro-brasileira.

Embora, de acordo com Soares (1993) a valorização das terras dos remanescentes de quilombos vem sendo reconhecidas, mas de forma lenta, visto que é uma ação que ainda não funcionou em muitas áreas quilombolas, as lutas pela conquista e reconhecimento das terras

vêm acontecendo há anos pelos afrodescendentes, mas poucas conquistas alcançadas. “Convém ressaltar que essas conquistas são resultado da intensificação da luta empreendida no período de redemocratização do Brasil de segmentos organizados, como foi, e contínua sendo, o caso do movimento negro e de lideranças das comunidades quilombolas” (Bennet, 2010, apud Silva, 2011, p. 28).

Segundo Pereira Magalhães (2022) para preservar e fortalecer ainda mais a história do local e fortalecer sua identidade quilombola, é necessário adotar uma abordagem holística que envolva ações nas áreas cultural, educacional, social e econômica. Essas medidas visam garantir a continuidade das tradições e a melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Faz-se necessário investir na valorização e promoção da cultura quilombola desta região, por meio de apoio a iniciativas locais e externas que promovam o fortalecimento e continuidade das tradições.

> A educação devia-se inscrever nas realidades culturais, pois a dimensão cultural do facto educativo tem o seu substrato nas normas e nos valores instituídos pela sociedade: todo o projeto de educação depende do projeto da sociedade em que está inserido (Ngoenha, 2000, p. 70).

Não há educação sem cultura, e não há cultura sem educação, ambas nutrem a preservação da história de um determinado local. É importante que as escolas incorporem o ensino da história e cultura quilombola em seus currículos, programas de educação patrimonial que envolvam os alunos em atividades práticas de pesquisa e preservação do patrimônio cultural da comunidade, articulando conhecimentos escolares com saberes entre escola, estudante, família e comunidade, proporcionando significativamente o fortalecimento do vínculo escola/comunidade, valorizando a história e a cultura quilombola (Pinheiro, 2021).

A ação coletiva nesse contexto é, de fato, um dos pilares centrais para o fortalecimento da comunidade na garantia da justiça social, processo de articulação que trazem voz aos moradores e os posicionam como sujeitos críticos e reflexivos para exigir direitos a recursos essenciais para uma vida digna.

A busca por apoio de instituições como órgãos de defesa dos direitos humanos, estabelecimento de parcerias com organizações não governamentais, instituições de pesquisa e autoridades competentes da região de Flores de Goiás, é indispensável para assim garantir os direitos da comunidade, visando a implementação de projetos que conecte com a realidade desses sujeitos, fomentado o desenvolvimento sustentável, projetos educativos que dialoguem com a realidade quilombola, metodologias de educação do campo , que respeitem e incluem os saberes tradicionais. São articulações necessárias para fortalecer o respeito as tradições, a

proteção legal e a promoção dos direitos culturais. Embora no contexto geral, ainda seja uma batalha constante, essa luta é crucial para garantir que a riqueza da cultura afro-brasileira seja reconhecida e honrada, reivindicando uma educação mais justa (Nascimento, 2011).

> Espera-se que as políticas públicas assegurem, de fato e de direito, a liberdade dos povos remanescentes expressarem as práticas culturais sem preconceito e exclusão. Sabe-se que ainda há muitos grilhões para serem superados, porém, acredita-se na força das lutas cotidianas, nas escritas das publicações e nas práticas educacionais mediadas hoje no chão da sala de aula, com professores comprometidos com uma educação de qualidade; que o preconceito, a violação às diferenças, a discriminação social sejam abolidas e que reinem a inclusão, a liberdade de expressão, a vivência de valores e das práticas culturais sustentáveis (Pinheiro,2021, p. 82).

Pinheiro, enfatiza a luta constante contra os preconceitos e as exclusões que povos enfrentam, e ao mesmo tempo a importância da educação como ferramenta transformadora, especialmente quando conduzida por professores comprometidos, é vista como um caminho crucial, onde as diferenças são celebradas e não discriminadas. além de trazer a importância do enfrentamento à desigualdade da qual necessita de ações concretas das políticas públicas, para que os direitos sejam alcançados, e fortaleça uma educação de qualidade que respeite e valorize as práticas culturais, que elimine as discriminações e reine a inclusão.

CAPÍTULO 04 – Mudanças e permanências na cultura da comunidade Flores Velha em Flores de Goiás: rituais, costumes ancestrais e festividades tradicionais

> A valorização dos saberes locais nos auxilia na preservação e no fortalecimento da tradição, da cultura, da memória e da história, com a finalidade de assegurar a identidade e o direito à manifestação dos sujeitos do campo e dos povos tradicionais (Virgens, 2023, p. 10).

Ao observar as práticas que ainda existem na comunidade Flores Velha e as que foram esquecidas, percebe-se que há força na continuidade de manter vivas as práticas existentes. Por outro lado, práticas que outrora era comum em determinados rituais religiosos, foram esquecidas com o passar do tempo. Infelizmente essas mudanças refletiram um deslocamento de valores que privilegia as inovações modernas sobre costumes antigos.

A seguir, apresentarei algumas tradições que são vivenciadas e praticadas na comunidade Flores velha e região, bem como aquelas que já não são mais praticadas e se perderam com o tempo.

4.1 Tradições que não são mais vivenciadas

4.1.1 Alimentação das Almas (Comunhão das Almas)

A alimentação das almas é um ritual religioso que surgiu no sul de Portugal e foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses, chegando inicialmente à Bahia. De lá, espalhou-se para outras regiões do país por meio das várias levas migratórias (Júnior, 2023).

Nessa tradição reuniam-se um grupo de pessoas na igreja, na quarta, quinta e Sexta-Feira Santa, à meia noite saiam com destino ao cemitério, todos enrolados em lençóis brancos, com o guia segurando a matraca, um instrumento de madeira com paletas de ferro que produziam um som estridente quando batido. A matraca foi criada especialmente para anunciar as 14 estações durante a alimentação das almas, um momento considerado como um encontro com “Deus”, onde se pedia pela salvação das almas sofridas pelos próprios pecados.

Ao saírem da igreja as pessoas precisavam saudar com orações feitas especialmente para esse momento, durante as 14 estações, com paradas nas ruas da cidade. Em cada parada, rezavam-se uma estação e, em seguida, os benditos eram cantados e oferecidos para as almas, de acordo com a causa de cada morte. Muitas vezes esses benditos eram repetidos até que

chegasse á próxima estação, que já estava previamente marcada pelo guia para a leitura de cada uma delas.

Ao chegarem ao cemitério os cristãos tinham a oportunidade de procurar os túmulos de seus parentes e fazer suas orações. Depois, reuniam-se, ajoelhavam-se, e com grande devoção rezavam um bendito, elevando suas vozes bem e alta e suplicante oferecendo-o a todas as almas ali sepultadas (Ferreira, 2003).

4.1.2 Malhação de Judas

Malhação do Judas, é um ritual católico ligado ao contexto das celebrações da Semana Santa, um período que marca simbolicamente a morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Esse ritual remete à lembrança do sacrifício de Cristo, realizado em diversas comunidades como forma de reforçar os ensinamentos dessa época. Realizada nas manhãs do Sábado de Aleluia, é uma prática que envolve o linchamento coletivo e simbólico de um boneco que representa Judas Iscariotes, o apostolo que traiu Cristo. De acordo com a tradição, o boneco é pendurado em um poste e atacado de forma violenta. Principalmente por crianças e adolescentes. Em muitos casos o boneco é retirado do poste e a malhação atinge níveis extremos, culminando com o incêndio do boneco ao meio-dia (Sampaio; Amaral, 2023).

> A tradição de confeccionar um boneco de Judas durante os festejos da páscoa tem sua origem na Península Ibérica e chegou ao Brasil ainda no período colonial. Outros relatos foram registrados por cronistas e viajantes no século XIX, como o artista plástico francês Jean Baptiste Debret, participante da missão artística do Rio de Janeiro durante o governo de D. João VI. Ele assistiu ao rito na capital brasileira, escrevendo posteriormente um relato sobre esta manifestação (Mendes, 2007, p. 36).

A tradição da malhação de Judas foi um ritual que durou por muito tempo na comunidade de Flores Velha e em todo território florense. Conforme relatos dos moradores, durante gerações esse costume foi um importante marco cultural e religioso, simbolizando a vingança popular contra Judas Iscariotes, o apóstolo que traiu Jesus Cristo. No entanto, com o passar do tempo e as mudanças na sociedade, essa prática começou a desaparecer gradualmente. Apesar de seu desaparecimento, ela ainda é lembrada por aqueles que vivenciaram essa tradição, no qual foi uma parte significativa da história e identidade local.

4.1.3 Casamentos e batizados

Nos casamentos e batizados de antigamente, as cerimônias aconteciam na igreja, conduzidas pelo padre, ou então, durante as festas juninas. Muitas vezes, os padrinhos eram escolhidos de forma arranjada, e uma das tradições mais marcantes era a consagração com as cinzas da fogueira. A celebração do casamento, por exemplo, era marcada pelo som da sanfona, pandeiro e estrondo dos foguetes. Durante a festa, os noivos eram agraciados com talco perfumado e arroz jogado sobre suas cabeças, como um símbolo de prosperidade e harmonia, desejando uma vida repleta de fartura e paz para a nova família que se formava. Conforme relatos essa tradição se perdeu há muitos e muitos anos.

4.1.4 A roda de São Gonçalo

A roda de São Gonçalo foi trazida pelos portugueses na época do Brasil Colônia. É uma manifestação europeia, vinculada ao catolicismo do interior, realizada em homenagem a São Gonçalo do Amarante, natural do Norte de Portugal (Bonfim, 2006).

Essa manifestação cultural que tradicionalmente é realizada à noite, consiste numa festa com músicas e danças para pagar promessas e agradecer pelas graças alcançadas. Percorre as ruas do arraial acompanhada por cantos rimados. A participação das rendeiras é fundamental, visto que elas confeccionam o traje composto por saias e anáguas de algodão cru, adornadas com rendas. A vestimenta é complementada por uma faixa vermelha na cintura e uma fita da mesma cor nos cabelos. Durante a dança, os participantes utilizam arcos de bambu decorados com flores e candeias feitas de rolo de cera, que são acesas ao som animado da viola e da caixa pequena, criando uma atmosfera festiva. A apresentação é marcada por sapateados e movimentos graciosos, que encantam a todos (Ferreira, 2003).

4.1.5 Semana Santa (Março ou Abril)

Na Semana Santa todos demonstram profunda devoção, evitando o consumo de doces e carnes vermelhas. Esses alimentos eram substituídos por carne de peixe, verduras e especialmente jiló e guariroba. Durante a via-sacra, todos seguiam em direção à Igreja, que estava aberta e iluminada, proporcionando um ambiente propício para a reflexão dos fiéis. Eles realizavam todos os rituais com grande respeito e reverência. Quem não participava da procissão não poderia abrir as portas ou sequer observar pela janela, pois segundo as crenças

locais, isso traria azar para a pessoa observadora. Nesse momento, apenas era permitido ouvir os fiéis e rezar o Pai Nosso com eles, em espírito de oração.

Na Sexta-feira Santa, após a alimentação das almas, os fiéis permaneciam na igreja, velando pelo corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo até a chegada da Aleluia. De madrugada, a zeladora da igreja distribuía café com biscoitos aos presentes (Ferreira, 2003). Conforme moradores da comunidade, a semana santa tem perdido sua força ao longo do tempo. As práticas tradicionais de antigamente já não são mais realizadas, e os antigos resguardos foram deixados de lado. Para muitos essa celebração geralmente quando acontece já não acontece com a mesma autenticidade e significado de antes.

4.2 Tradições seculares que ainda são preservadas na região

4.2.1 Caçada do Rei e Rainha (cavalhada e caretas)

No mês de julho, durante a segunda semana, são escolhidos três dias para celebrar a nossa padroeira, com uma festa que mistura tradições reais e costumes africanos. Essa celebração começa com a folia do Divino Espírito Santo, que percorre pontos do município, chegando ao primeiro dia de festa na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde romeiros se reúnem. A festa é marcada pela presença de milhares de devotos, e a Prefeitura regula o controle do evento, exigindo alvará para acampamentos e barracas comerciais.

A cerimônia inicia com a montagem dos mastros do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário. Segundo os relatos de nossos avós, a direção em que o mastro do Divino gira ao ser erguido indica a localidade do próximo festeiro, escolhido pela sorte. Essa crença envolve uma série de mistérios e coincidências inexplicáveis que fazem parte da tradição (Ferreira, 2003).

Figura 4 – Imagem retratando a Folia do Divino Espírito Santo, com romeiros em celebração e devoção.



Fonte: Moradores da comunidade

No decorrer dos dias, os romeiros se preparam para a famosa cavalhada, que simboliza a caçada ao “Rei e Rainha”. A cavalaria, com seus cavalos ornamentados e arreios, segue para as matas, onde, em segredo, os membros da realeza se escondem. O povo, guiado pelo som de fogos e pela velha caixa da igreja, os busca incansavelmente até encontrar o esconderijo. Quando a rainha é localizada, a celebração acontece ali mesmo, com a distribuição de biscoitos e bebidas. Após a festa, todos se organizam em fileiras, com os lenços das damas unindo os cavalheiros e damas que os acompanham até a cidade, ao som da caixa que nunca para de tocar.

Ao chegar na cidade, a festa maior começa com centenas de pessoas esperando na frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Os “caretas”, personagens tradicionais, estão prontos para fazer suas estripulias, enquanto todos aguardam a chegada da Cavalhada. Na Praça da Matriz, é realizada a alvorada real, com reverências à igreja. Damas e cavalheiros se separam para formar o cortejo, e a beleza da cavalhada é acompanhada pelos “caretas”, homens mascarados que, com seus trajes típicos, dançam e fazem apresentações folclóricas, usando chicotes, caixas e imitando bandeiras.

No cortejo real, após uma apresentação demorada dos caretas, a dança folclórica, com ritmo africano e o som de uma grande caixa da igreja, começa com o rei, a rainha e os caretas, seguidos pelos membros do cortejo. No dia seguinte, ocorre a coroação da família real, que sai da casa dos festeiros até a igreja de Nossa Senhora do Rosário para uma missa em homenagem à padroeira. Durante a cerimônia, o rei, a rainha e a princesa são coroados com coroas de prata e vestidos com trajes típicos de um império real. Após a missa, são anunciados os festeiros do ano seguinte, e realiza-se um sorteio de participantes para a festa do ano seguinte, com ofertas e contribuições para o evento. A celebração se encerra com uma grande recepção, onde todos desfrutam de café, biscoitos, doces, vinhos e um almoço festivo.

No terceiro e último dia da festa, realiza-se a missa dos romeiros, uma tradição considerada imutável e indestrutível. Ela representa um símbolo de orgulho, refletindo nossas raízes e nossa trajetória, tanto passada quanto presente. A missa é um momento de felicidade compartilhada, unindo todos sem discriminação de cor, raça ou classe social, fortalecendo o elo da comunidade. Pois antes do período de Flores, havia uma grande discriminação racial, uma vez que apenas as pessoas de cor branca, como senhores e senhoras podiam participar da festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada no mês de julho. A festa é um momento de devoção e alegria, perpetuando as tradições de nossa cultura (Ferreira, 2003).

Figura 5 – Representação da caçada da rainha, com o rei, a rainha e a princesa na histórica igreja Nossa Senhora do Rosário conduzindo a santa enquanto desfilam diante do povo.



Fonte: Moradores da comunidade

4.2.2 O Batuque de Terreiro

É uma prática que remonta os tempos dos negros escravizados, especialmente em momentos de lazer, quando promoviam danças e música. Essa expressão cultural tem forte influência da cultura banto, especialmente das regiões de Angola, Congo e Moçambique, servindo tanto para louvar os ancestrais quanto para narrar os acontecimentos da comunidade. As danças, que podem ser individuais ou coletivas, apresentam elementos sensuais, representando cortes amorosa com a umbigada, ou se revestem de caráter sagrado, imitando os gestos dos pretos velhos e ancestrais (Novelli, 2016).

O Batuque de Terreiro é outra tradição ainda conservada e praticada na comunidade, uma manifestação que conecta profundamente as raízes do Quilombo Flores Velha, representando uma expressão autêntica de seu legado histórico e cultural.

Figura 6 – Representação do Batuque de terreiro na comunidade Flores Velha.



Fonte: Moradores da comunidade

4.2.3 Folia dos Reis

O Dia de Reis ocorre 12 dias após o Natal, celebrando a visita dos reis magos ao menino Jesus. Essa tradição tem origem no Evangelho de Mateus, que descreve a jornada dos magos do Oriente até Belém. É uma tradição cristã de origem espanhola e portuguesa, que provavelmente foi trazida para o Brasil no século XIX. A festa tem suas origens na visita dos reis magos ao menino Jesus, conforme relato bíblico. Após o nascimento de Jesus, os três reis magos o visitaram, trazendo presentes simbólicos: o ouro, representando a beleza; o incenso, relacionado à divindade e fé; e a mirra, simbolizando a imortalidade. A Folia de Reis é celebrada durante 12 dias, começando no dia 24 de dezembro, véspera do nascimento de Jesus, e indo até o dia 6 de janeiro, data em que os reis chegaram a Belém (Souza, 2025)

Essa comemoração popularmente conhecida como Folia de Reis ou Reisado, são amplamente praticadas em diversas regiões do Brasil. Uma das principais tradições dessa celebração são os grupos de folia que durante o período de celebração da tradição, as viagens acontecem por toda a cidade, pelas áreas rurais e até entre diferentes cidades. Nessa jornada, a tradição também contempla os pousos, que são as paradas em casas ou fazendas, onde os grupos se hospedam. Nessas hospedagens, além da alimentação, há uma verdadeira festa com música, danças e bênçãos, criando um ambiente de forte imersão cultural. São as visitas de grupos musicais chamados Terno de Reis, que se deslocam até as casas. Durante essas visitas, os grupos realizam cantorias com letras religiosas e, em troca, recebem doações de alimentos. Esses grupos podem incluir dançarinos e músicos, todos vestidos com trajes típicos da festividade. Os alimentos arrecadados geralmente são destinados à caridade (Aidar, 2015).

4.2.4 Cavalgada de Nossa Senhora Aparecida

A Festa da Cavalgada geralmente acontece no mês de outubro. A tradicional Cavalgada de Nossa Senhora Aparecida, conhecida como “Cavalgada da Fé” reúne uma grande quantidade de participantes, destaca-se pelo clima de devoção e celebração na comunidade.

O evento inclui atividades como costelões de boi assado, refeições fartas e música ao som de forró com as atrações Parceria no Forró e Sebastião. Brincadeiras, sorteios de brindes e concursos de dança mantêm a animação durante todo o dia. Durante a cavalgada, cavaleiros e amazonas conduzem a imagem da padroeira pelas ruas, abençoando as residências e emocionando os moradores que saúdam a padroeira do Brasil com devoção.

O evento representa uma oportunidade significativa para os moradores da região se reúnerem em torno de uma tradição cultural e religiosa, ao mesmo tempo em que fortalece os laços comunitários por meio da partilha e da fé. A cavalgada, celebrada anualmente com entusiasmo e devoção, carrega um profundo significado cultural e simbólico em toda região de Flores de Goiás, sendo um evento que se perpetua de geração em geração (Santos; Rodrigues, 2024).

Figura 7 – Cavalgada: identidade cultural de Flores de Goiás e assentamentos da região



Fonte: Moradores da comunidade

4.2.5 Folia de São Sebastião

Segundo Marcio Diniz, morador da comunidade a mais de 30 anos, “a Folia de São Sebastião, outra prática presente na comunidade, a jornada acontece do dia 11/01 a 20/01.

Conhecido como protetor contra doenças, pestes e guerras. A folia combina elementos religiosos e populares, sendo marcada por cantos, danças, novenas, missas, e leilões beneficentes que expressam a devoção ao santo.”

São Sebastião é um santo cristão muito venerado, especialmente na igreja Católica, sendo conhecido como mártir e padroeiro de diversas regiões do Brasil. Ele nasceu em Narbonne, na Gália (atual França), por volta do século III, e cresceu em Milão, na Itália. Ele era um cristão devoto e usava sua influência para ajudar outros cristãos perseguidos, levando-os à fé e fortalecendo-os em tempos de dificuldades. Os foliões percorrem casas, fazendas e comunidades, levando a bandeira do santo como símbolo de proteção e fé. Os foliões entoam cânticos religiosos e louvores ao santo, acompanhados com instrumentos (Orani, 2023; Santos, 2021).

Sebastião era um soldado do Império Romano, servindo no exército sob os imperadores Diocleciano e Maximiano. Apesar de sua posição militar, ele era um cristão devoto e usava sua influência para ajudar outros cristãos perseguidos, levando-os à fé e fortalecendo-os em tempos de dificuldade. Quando sua fé foi descoberta, ele foi condenado por traição ao imperador. Sebastião foi amarrado a uma árvore e alvejado por flechas, sendo dado como morto. Contudo, ele sobreviveu ao ataque. Recuperado, ele voltou a confrontar o imperador Diocleciano, testemunhando novamente sua fé. Por insistir, foi capturado e executado a pauladas, tornando-se mártir (Orani, 2023; Santos, 2021).

Figura 8 – Com fé e devoção, os foliões percorrem a rua em homenagem a São Sebastião



Fonte: autoria própria

As tradições celebradas e mencionadas nesta pesquisa envolvem a participação de moradores de toda a região de Flores de Goiás, incluindo a comunidade quilombola, fortalecendo a cultura e a fé local.

Preservar e valorizar as tradições que ainda resistem é um compromisso com a memória coletiva e a identidade cultural, pois essas manifestações que educam, que emocionam e resistem ao tempo, assegura a cultura local uma continuidade viva para as próximas gerações (Silva; Leite, 2021).

Conforme Freire (1996), um profundo conhecedor dos assuntos relacionados à educação, compreende que o ensino deve reconhecer os educandos como sujeitos ativos e portadores de saberes, especialmente aqueles oriundos de contextos específicos, como os sujeitos do campo. Freire defende que esses indivíduos, com suas vivências, histórias e culturas próprias, são essenciais na construção e preservação do conhecimento. O educador, ao valorizar a experiência dos educandos, respeita e reconhece suas identidades culturais como parte fundamental do processo educativo. Nesse sentido, a educação se torna um espaço de diálogo e troca, onde os sujeitos não são meros receptores de conhecimento, mas agentes que, a partir de seus saberes e das suas identidades, podem transformar e enriquecer o processo de aprendizagem. Essa visão sugere que a sabedoria do povo sertanejo, expressa em suas tradições,

pode servir como um ponto de partida para práticas educativas mais significativas e dinâmicas, baseadas na compreensão da singularidade de sua existência e na leitura de mundo.

É importante refletir a importância de valorizar nossa identidade cultural, isso abre caminho para práticas educativas mais dinâmicas e significativas, que respeitem a singularidade dos sujeitos e promova uma aprendizagem verdadeiramente transformadora, fortalecendo a construção de uma educação mais conectada com as realidades em que vivem.

> Os festejos testemunham as crenças coletivas, as representações do sagrado, próprias de uma comunidade ou da maioria de seus membros. A festa possui a capacidade de produzir símbolos territoriais. São simbolismos festivos que identificam e qualificam os lugares, os sítios, os monumentos, as paisagens, os povoados, entre outros. A festa relaciona-se com a alteridade e é cultivante dos particularismos. As festas são dotadas de valores singulares tanto para aqueles que a celebram, que representam um testemunho, um registro espiritual, moral quanto para quem a compartilha, uma sociedade ou parte dela (Almeida, 2011. p. 2)

As festas são elementos essenciais na cultura de determinados povos, funcionando como manifestações coletivas que revelam suas histórias, identidades, modos de vida, crenças e valores, além de promoverem vínculos sociais e a construção de sociabilidades (Bretas, 2015).

CAPÍTULO 05 – Narrativas de resistência e autonomia na história local

A comunidade Flores Velha, está situada às margens do rio Paranã, e pertence ao município de Flores de Goiás. Embora seja considerada uma área urbana por sua localização dentro dos limites do Município, possui chácaras à beira do rio e residências situadas em ruas de terra. Algumas partes do território ainda apresentam ausência de infraestrutura, como pavimentação asfáltica e redes de saneamento básico adequadas. Contudo o quilombo Flores Velha, recebeu recentemente o calçamento de algumas ruas, com recursos próprios da prefeitura, sobre a gestão do Prefeito Altran Avelar. Vejam as imagens a seguir:

Figura 9 – Calçamento no quilombo Flores Velha



Fonte: Prefeitura de Flores de Goiás

A comunidade está situada aproximadamente a 2 km do centro da cidade principal, Flores Nova. Possui acesso a serviços de saúde, como o hospital do município e postos de saúde, além de escolas. Na comunidade Flores Velha há uma escola, enquanto as demais estão localizadas em Flores Nova.

Figura 10 – Colégio Estadual Quilombola Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco situado na comunidade Flores Velha



Fonte: autoria própria

De acordo com as informações fornecidas pela diretora da escola, Ana Lúcia Lopes, o Colégio Estadual Quilombola Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco mantido pela Secretaria da Educação do Estado de Goiás, possui autorização de funcionamento desde o ano de 1971. Antigamente funcionava com o nome de Escola Reunida. Em 1981, passou a se chamar de Escola Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Em 1996, a escola mudou para Colégio Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. A modificação do nome do colégio foi uma homenagem ao primeiro presidente do Brasil no período militar, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

O nome do colégio traz à tona uma contradição histórica que merece atenção. O fato da escola quilombola, que representa resistência e luta pela identidade e direitos da comunidade, carregar o nome de um presidente associado ao regime militar gera um paradoxo. O regime militar ao qual o Marechal esteve vinculado representou uma época de repressão, censura e violação de direitos, o que contrasta com os valores de resistência, liberdade e luta pela dignidade que a comunidade quilombola carrega.

A homenagem realizada em um contexto específico (1981) reflete à época que o país tendia a enaltecer figuras associadas ao regime militar. Entretanto, atualmente a sociedade brasileira não representa mais esse período e sua permanência de homenagem à esta época em uma escola quilombola representa um anacronismo.

Portanto, é importante se questionar se a manutenção deste nome ainda faz sentido no contexto atual. Uma possível mudança no nome da escola seria uma oportunidade de homenagear líderes exemplares, alinhados com a identidade e tradição quilombola,

especialmente em uma instituição educacional que representa a resistência e a continuidade de um povo.

A instituição oferece atendimento apenas a estudantes do ensino fundamental, do 5º ao 9º enquanto as demais turmas do ensino médio frequentam as escolas de Flores Nova.

A escola de Flores Velha oferece alguns programas voltados para a educação e a valorização da cultura quilombola. No entanto, sua grade curricular segue o modelo tradicional do sistema estadual. A diretora ressalta que há projetos voltados para a continuidade e preservação da cultura quilombola, destacando como principal o projeto Eletiva Afro-brasileiro que trabalha sobre o assunto. Há também o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o projeto Federal Quilombola, consiste no cadastramento exclusivo de agricultores familiares da população quilombola. Esse programa auxilia agricultores na comercialização de seus produtos, fortalecendo o desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas.

As fontes de renda da comunidade são variadas: algumas pessoas são autônomas, outras trabalham em setores públicos e há os que se dedicam à agricultura familiar, cultivando alimentos para consumo próprio, a pescaria também se destaca como uma importante fonte de sustento sendo uma atividade tradicionalmente presente na região. A seguir trago algumas ilustrações de pessoas quilombolas autênticos que contam um pouco do seu pertencimento e da identidade da comunidade. Jesse Inácio Alvinco, quilombola, Professora, mora em uma chácara às margens do rio Paraná, na comunidade quilombola Flores Velha.

Figura 11 – Jesse Inácio em sua chácara, contemplando a natureza



Fonte: Jesse Inácio

A entrevistada fala sobre a grande paixão pela pesca e pela conexão com o rio e a natureza. Embora a água esteja turva devido ao período chuvoso, o rio Paraná apresenta uma

paisagem deslumbrante durante a estação de verão. Ela também compartilha um pouco de sua origem e de sua família.

> Eu nasci no quilombo de Flores velha, Goiás, em 27 de setembro no ano de 1978. filha de Estercilia Ribeiro Miranda Alvinco e Alípio Inácio de Alvinco. A família do meu bisavô Crispiniano Ribeiro de Miranda, segundo relatos do meu avô, Damásio Ribeiro de Miranda, conta que vieram para essa região no século XVIII com várias outras famílias. Sendo assim, um dos Pioneiros dessa cidade, vindo com grupos de escravos fugidos do estado da Bahia.

Compartilho também a imagem do Sr. Manoel, que gosta de pescar, plantar e trabalha como serralheiro. Sr. Manoel Pereira Neto, quilombola, observa seu arado, em momento de conexão íntima com a terra, refletindo a ancestralidade e o trabalho que sustentam sua história e sua identidade. O olhar dele carrega sabedoria e respeito pela terra que nutre sua vida e preserva suas raízes.

Figura 12 – Manoel Pereira Neto



Fonte: autoria própria

Relata as mudanças ocorridas ao longo do tempo, destacando que os rios, as matas e a natureza estão hoje mais poluídas devido à interferência humana. Ele lamenta que muitas tradições se perderam e adverte que, se não houver cuidado, tudo desaparecerá com o tempo.

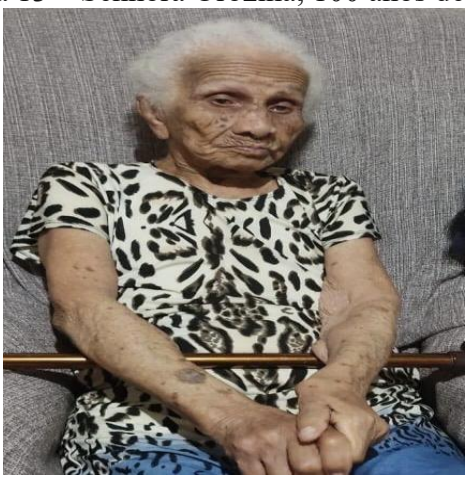
> Antigamente era tudo diferente, os rios era limpinho, as matas eram cheia de vida e a natureza respeitada, hoje tá tudo mudado, com a bagunça do homem. muitas tradições se apagou e se a gente não cuidar tudo vai se acabar com o tempo.

O Sr. Manoel também menciona, com preocupação, a situação da Igreja Nossa Senhora do Rosário, de Flores Velha, que foi reconhecida como patrimônio histórico-cultural, mas precisa urgentemente de restauração para preservar sua importância cultural e religiosa.

> A igreja é o que a gente tem de mais antigo, faz parte do legado, como quilombolas, a igreja tá lá parada, sem festa, sem reza, sem nada, por que no fim das contas ela é parte de nós, parte da nossa história, da nossa identidade quilombola. Sem isso, a gente vai perdendo o que somos, e isso não pode acontecer não.

Outro exemplo concreto da história e memória de sua comunidade é a senhora Orozina Gonçalves dos Santos, quilombola, com 100 anos de vida, representando o legado e resistência de seu território, nascida no quilombo, ela testemunhou gerações e preservou a memória de sua terra. Em seu relato ela compartilha com orgulho que se batizou e casou na igreja Nossa Senhora do Rosário, ainda quando a igreja não estava em ruínas, um marco importante da época em que as tradições e a fé estavam firmemente enraizadas.

Figura 13 – Senhora Orozina, 100 anos de idade



Fonte: autoria própria

Ela deixa uma mensagem importante:

> A gente tem de cuidar do que é nosso, essa terra, esse povo, a história, nossa herança, temos de deixar pros outros o que os nossos antepassados deixou, coragem, fé e respeito pelo que é de raiz. Não pode deixar essa cultura perder não. a memória da gente é o que vai passar pras futuras gerações. para os netos e bisnetos contar nossa história com orgulho.

Muitos moradores destacam a importância de preservar as tradições e resgatar a igreja de Nossa Senhora do Rosário, um espaço que carrega a ligação com seus antepassados. No

relato de Domingues de Sousa Ferreira, Ex-presidente da Associação Quilombola, enfatiza que apesar de ser uma comunidade rica em cultura, ainda há uma expressiva falta de políticas públicas voltadas para atender as necessidades da comunidade. Ele destaca a importância da restauração da igreja. "A reforma da igreja se dá pelo entendimento do que ela representa para a história da nossa comunidade e do Brasil, vendo que se trata do trabalho escravo e da cronologia do acontecimento." Como podemos compreender, a igreja é um importante legado do Quilombo Flores Velha, um símbolo que representa a memória ancestral e a conexão cultural da comunidade com suas origens.

Figura 14 – Igreja oficialmente tombada, o património encontra-se em ruínas no quilombo Flores Velha.



Fonte: autoria própria

A situação da igreja histórica está deteriorada, como pode ser observado, sendo sustentada na lateral por vigas de madeira. A Igreja Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1740, pelo baiano Domingos Alves Maciel, conforme depoimentos de Deuzimar Ferreira, escritora do município, relatos locais e registros paroquiais, a igreja foi erguida por pessoas escravizadas durante esse período.

Foi introduzida na mesma tradição, de origem portuguesa, incluía festividades religiosas com influências culturais marcadas pelo uso do latim. Nesse contexto, sob a liderança do padre Joaquim de Souza Falcão, responsável pelo registro paroquial, as missas eram realizadas nessa língua, contando com a participação de fiéis que também a dominavam.

De acordo com Ferreira (2006), a igreja era considerada a igreja dos brancos naquele período, enquanto o povo negro do quilombo Conceição que por ventura, construiu uma capela

também, dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Essa capela era situada onde hoje se encontra o cemitério local da cidade, sendo o espaço onde realizavam suas festas tradicionais e religiosas. Com o passar do tempo, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que pertencia à Capela dos negros, desapareceu e foi encontrada em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos brancos, entre flores nativas. Após ser devolvida pelos brancos à Capela dos negros, o evento se repetiu outras duas vezes, o que gerou espanto e crença na comunidade de que a santa desejava a união do povo, sem discriminação racial ou religiosa. No local onde a imagem apareceu pela terceira vez, foi erguido um grande cruzeiro, e a Capela dos negros acabou sendo abandonada, transformando-se em cemitério. A partir de então, o povo do quilombo da Conceição passou a celebrar junto aos coronéis e suas famílias na mesma igreja, compartilhando festas tradicionais e religiosas, como os eventos de julho, que unificaram a sociedade em torno de uma tradição comum, sem distinções raciais (Ferreira, 2006).

Com 281 anos de história foi oficialmente tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, pela lei nº 22.348, sancionada em 25 de novembro de 2023, de autoria do deputado Dr. George de Moraes. O deputado destacou que a igreja representa a história e a cultura da comunidade local, além de ser um símbolo efetivo para a cidade. A edificação possui tipologia de uma igreja colonial, com paredes de adobe, como era as construções da cidade em seus primórdios. De acordo com Morais, a Igreja Nossa Senhora do Rosário apresenta várias condições que oferecem risco de desabamento devido à sua idade e à falta de cuidados adequados. O deputado enfatiza que a igreja necessita de um estudo para restauração, trabalho especializado e supervisão de profissionais de engenharia e arquitetura, sendo condições essenciais para evitar que a comunidade perca seu único patrimônio material. A Prefeitura de Flores de Goiás reconheceu o tombamento provisório, mas apontou que não possui recursos financeiros para realizar as obras necessárias para a restauração, preservação e conservação do edifício (ALEGO, 2023).

Em um documentário publicado em 2015, sobre o Quilombo Flores Velha-Flores de Goiás, apresenta relatos significativos de Deuzimar de Souza Ferreira, publicado por Domingos de Souza Ferreira, seu irmão e ex-presidente da Associação quilombola de Flores Velha. A escritora Quilombola e autora oficial do Hino do Município compartilha seu conhecimento sobre a história local. Deuzimar declara que:

> Os negros eram divididos em grupos, um grupo trabalhava na olaria para contrução dos casarões e da igreja Nossa Senhora do Rosário dos brancos, por que a capela de Nossa Senhora do Rosário dos negros eram um pouco afastada, era onde hoje é o cemitério de Flores de Goiás, e a senzala também ficava no mesmo local, é o que a gente consegue comprovar, Flores de Goiás é uma cidade surgida por negros.

Essa reflexão nos faz questionar como a história dos negros, muitas vezes marginalizadas, foi silenciada nas narrativas oficiais, como se não tivessem sido protagonistas na formação dos espaços e das estruturas da sociedade brasileira. Ao mencionar a capela afastada e o cemitério, Deuzimar também toca em um ponto crucial, que foi a separação física e simbólica em que os negros viviam, refletindo as relações desiguais de poder e separação de raça:

> Eu sou filha de Flores eu nasci lá no quilombo, cresci ali, amo a minha cidade, eu amo a minha pátria, trago gravado na cabeça um poema que sempre eu memorizei na escola e nesse mesmo castelo branco nas festividades eu recitava sempre, o que dona Maria José, minha Professora me ensinou: 'ama com fé e orgulho a terra em que nasceste, crianças! não verás nenhum país como este.

Deuzimar expressa um profundo sentimento de pertencimento, amor e orgulho pela sua terra natal, o quilombo de Flores. Sua fala mostra uma conexão emocional e cultural com suas raízes, enfatizando a importância da memória e das experiências vividas na infância, como festividades e ensinamentos da professora Maria José. Deuzimar realça: "o quilombo Flores Velha, a igreja, alí é o retrato do negro, o retrato da nossa cultura, toda nossa cultura está alí, educar é você preservar, é preservar e não acabar, é perpetuar.

A fala dela nos instiga a reconhecer e destacar a importância do legado, a necessidade de valorizar tanto o patrimônio material quanto o imaterial, para que a história e a cultura da comunidade continuem vivas e sejam transmitidas às próximas gerações. Embora se saiba que com a falta de políticas públicas se torna um grande desafio, revitalizar um patrimônio tão rico em memórias, e garantir, por direito e dignidade, as aspirações desse povo.

No depoimento de Sebastiana Rodrigues Soares, presidente da associação quilombola, ela destaca a carência de apoio e políticas públicas voltadas para o fortalecimento da preservação das tradições e do patrimônio histórico: "Há descaso por parte do governo federal e estadual, em relação ao nosso maior patrimônio e bem a igreja Nossa Senhora do Rosário, embora já tenhamos iniciado várias ações para sua preservação".

Ao observar a igreja perto e registrar imagens, é lamentável ver o seu estado atual, está ancorada com vigotas de madeira na lateral, impedindo que caia com facilidade. No entanto, é uma situação triste, pois se trata de uma relíquia histórica de grande significância para a comunidade, não apenas para os moradores locais, mas uma representação histórica do Goiás e do Brasil, representando um legado secular que remonta ao período do Brasil colônia.

Em publicação da vereadora de Flores de Goiás, Fernanda Spindola, compartilhou um vídeo mostrando a visita do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, acompanhado pelo prefeito

de Flores de Goiás, Altran Avelar, e por outros prefeitos da região do entorno. Durante a visita, foi analisada a situação da Igreja Nossa Senhora do Rosário, que ao longo dos anos tem sido foco de esforços em busca de apoio para a tão esperada reforma. A vereadora enfatiza: “o Prefeito Altran Avelar persistente na busca em trazer a tão sonhada reforma, sonho dos fiéis, devotos e apreciadores da linda história da Igreja Nossa Senhora do Rosário”. Além disso, outra reportagem, publicada no jornal Anhanguera, destaca também informações importantes sobre a Igreja, que foi tombada como patrimônio histórico.

A visita das autoridades é um passo importante nessa longa caminhada, mais do que esperar soluções de fora, a comunidade se fortalece ao continuar acreditando na força de sua própria voz e história. A lentidão do processo é sem dúvida, frustrante, mas o coletivo persistência dos moradores em reivindicar seus direitos, é uma esperança acesa, é um combustível que mantém a luta viva, e assim a transformação vai acontecendo, mesmo que aos poucos.

> O conceito de Património não existe isolado, sendo assim, o património é o conjunto de bens materiais e imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. O património cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. O património compreende lugares, objetos e manifestações culturais provenientes de nossos ancestrais e do lugar onde vivemos por terem importância social, cultural, econômica, científica, sendo assim o ponto de referência e identidade (Godoy; Peichoto, 2017, p. 4).

Cuidar desse legado é essencial para a continuidade e evolução das culturas, como também para um presente e futuro consciente e respeitoso em relação ao passado, é uma forma de honrar a história e apoiar um desenvolvimento cultural sustentável, respeitando a identidade das comunidades tradicionais.

> Patrimônio é tudo aquilo que nos pertence é a herança do passado e o que construímos hoje. É obrigação de todos nós preservar, transmitir, e deixar todo esse legado às gerações vindouras. O património reporta uma memória que é singular e específica de cada um é tudo aquilo que uma geração considera que deve ser para o futuro. As construções são marcas dessa história, dessa memória do lugar. É um direito ao passado, um direito à nossa identidade como cidadão, e também como agente transformador da sociedade (Godoy; Peichoto, 2017, p. 5).

O autor traz reflexões importantes sobre o conceito patrimônio histórico, realçando que “tudo que nos pertence é a herança do passado”. E os bens históricos são mais do que objetos do passado, são rastros, são vestígios de ações e transformações humanas, ligando-nos ao presente. Nos faz refletir sobre as trajetórias que formaram o Brasil. Um país com várias camadas, marcada por lutas, conquistas e transformações.

É importante compreendermos que a luta pelo território é, antes de tudo, uma luta pela vida, pela identidade e pela dignidade dessas comunidades quilombolas e de outros grupos tradicionais, pois estes territórios transpassam um espaço físico, ele carrega memórias, histórias e práticas culturais. Sendo assim, lutar pelo território é lutar pela preservação de uma forma de vida que resiste às lógicas hegemônicas do capitalismo, que frequentemente busca transformar esses espaços em mercadoria, desconsiderando suas dimensões simbólicas e culturais, essa rica cultura não deve ser silenciada e tão pouco apagada.

Apesar de ser um país rico em diversidade, ainda assim é nítido a desigualdade entre grupos historicamente marginalizados, onde o poder se concentra nas mãos de uma minoria. Enquanto questões essenciais, como por exemplo a preservação dos patrimônios históricos, necessitam de atenção, muitas vezes são negligenciados ou até apagados, devido à falta de empenho e compromisso com sua preservação. Esse descaso reflete uma desconexão entre o que realmente importa para identidade e história do país e as prioridades das elites que detêm o controle.

Enquanto a concentração de poder nas mãos de uma minoria continua a ditar as prioridades do país, é fundamental ouvir as vozes daqueles que, historicamente, têm sido marginalizados.

Como destaca, Domingues Ferreira, ex-presidente da Associação Quilombola, ressaltando a relevância da restauração da igreja como um patrimônio essencial para a memória histórica e identidade:

> Sua importância é de valia não só pro povo quilombola. Vendo que a igreja Nossa Senhora do Rosário de Flores de Goiás é um Sítio Arqueológico. Contam as pessoas mais velhas que os primeiros padres e pessoas importantes da época estão enterrados naquele local. Restaurando será a melhor forma visível de manter a história de um povo negro sofrido mas, resistente. E tenho orgulho de saber que tenho no sangue a descendência de um povo negro que resistiu em meio a tanta barbárie e mesmo assim construiu esse Brasil tão lindo e rico.

Domingues, destaca a importância da revitalização desse património, afirma que a restauração de locais como a Igreja Nossa Senhora do Rosario de Flores de Goiás é essencial para manter viva a memória de um povo negro resistente e para honrar a trajetória de sofrimento e superação, que contribuiu para a construção do Brasil. Ele expressa com orgulho a sua descendência evidenciando a resistência, cultura e contribuição de um povo que, mesmo diante de grandes adversidades, ajudou a formar nossa pátria rica e diversa.

Não só ele destaca esse desejo, mas também os demais moradores que eu entrevistei, ressaltam a importância de restaurar esse marco cultural, a fim de fortalecer ainda mais as

tradições existentes e assegurar que as gerações futuras continuem a preservá-las e a transmiti-las.

Ao reconhecer e valorizar essa herança ancestral, não só honramos os que vieram antes de nós, como também nos comprometemos com a construção de um futuro mais justo, igualitário e inclusivo para todos. Esse processo de valorização cultural é essencial para resistir às adversidades e continuar lutando por um amanhã onde a diversidade e a ancestralidade sejam reconhecidas como pilares fundamentais da nossa sociedade (Soares, 2021).

Considerações Finais

Sinto-me profundamente conectada à minha trajetória de vida, que foi fundamental para a escolha e o desenvolvimento desta pesquisa. Minha família tem suas origens na Bahia, e atualmente meus pais vivem no Assentamento São Vicente, em Flores de Goiás, desde 1996. Cresci testemunhando a luta e a resistência de minha família na busca pela conquista da terra, através de acampamentos e movimentos sociais que foram marcos importantes na nossa história, experiências essas que moldaram minha visão de mundo e despertaram em mim o desejo de valorizar histórias de resistência e pertencimento. Além de ingressar na Licenciatura em Educação do Campo, um curso de grande importância, que ampliou minha percepção da realidade em que vivemos, ajudando a enxergá-las de forma mais crítica, pois este curso dá visibilidade às lutas dos povos do campo, valorizando suas histórias, culturas e direitos.

Neste estudo busquei destacar o valor da cultura da comunidade Flores Velha, realçando as tradições e festejos que ainda perduram no local bem como toda região Florense. Além de apresentar um pouco da história desse grupo marcado por lutas e resistências. Ao entrevistar alguns moradores do local, muitos relatam que os festejos e práticas antigas ainda tem uma forte conexão no território, fortalecendo assim o sentimento de pertencimento. Embora muitas tradições tenham sido perdidas ao longo do tempo, os moradores ainda reconhecem o valor das que permanecem vivas.

Olhar e questionar a realidade, documentar e refletir sobre a história e a memória da região onde moro, contribui ainda que de maneira modesta, qualquer contribuição, já é um avanço significativo para fortalecer e preservar a identidade. Reivindicando esse espaço na história brasileira, trazendo à tona as narrativas que muitas vezes são esquecidas ou desvalorizadas pela sociedade.

Acredito ser fundamental questionar e aprofundar meu entendimento sobre esses movimentos que representa a história do Brasil, a história de um país marcado pela escravidão, em um período colonial em que negros foram forçados a construir, com suor e sangue, a base de uma sociedade que ainda hoje reflete as marcas dessa opressão. As comunidades quilombolas são espaços de resistência da cultura afro-brasileira, pois estas mantêm acesa a ancestralidade africana, desafiando as estruturas que buscam apagá-la.

Espero que esta pesquisa contribua significativamente para dar maior visibilidade à história da comunidade quilombola Flores Velha, incentivando o aprofundamento de estudos acadêmicos sobre essa realidade ainda pouco discutida. A comunidade precisa ser cada vez mais reconhecida e fortalecida, e que este trabalho possa servir como uma reflexão profunda para aqueles que conhecem e desconhecem a história da região Florense, evidenciando a importância de preservar e valorizar esse território secular. Também como um chamado para a continuidade do fortalecimento e da união de todas as comunidades quilombolas, reconhecendo a importância de sua resistência e contribuição para a formação de uma sociedade mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

ABADIA, Marcio Alves de. **Ressignificação do território e a resistência camponesa no assentamento Bom Sucesso-Flores de Goiás**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo), Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2019.

AIDAR, Laura. **Folia dos reis**. Toda Matéria 2015. Disponível em: https://todamateria.com.br. Acesso em 16 de dezembro de 2024

ALEGO – Assembleia Legislativa de Goiás. **Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Flores de Goiás, torna-se Patrimônio Histórico e Artístico de Goiás**. 2023. Disponível em: https://portal.al.go.leg.br/noticias/138678/igreja-nossa-senhora-do-rosario-em-flores-de-goias-torna-se-patrimonio-historico-e-artistico-de-goias. Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

BRASIL. **Decreto n° 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. DF: Presidente da República. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 7 de março de 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988** Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituiçao.htm. Acesso em: 28 de fevereiro de 2025.

CALDART, Roseli Salete et al. **Dicionário da Educação do campo**. 2012.

FERREIRA, Deuzimar Souza. **História de Flores de Goiás 1963-1993.** Livro, 1° edição 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª. **Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra**, v. 3, p. 343-348, 1987.

GLOBO. **Igreja do Rosário vira patrimônio histórico artístico de Goiás**. Jornal Anhanguera. 1 nov 2023. Programa de TV. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/12079404/. Acesso em 18 de janeiro 2025.

GODOY, Camila Coimbra; PEICHOTO, Evanir Regina Moro. PROPOSTA DE TOMBAMENTO DA IGREJA MATRIZ DE FERNANDÓPOLIS. **Revista Unifev: Ciência & Tecnologia**, v. 2, n. 2, p. 160-178, 2017.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2015.

GOMES, Flávio; MOLET, Cláudia. Contando tempos e arranjando espaços: algumas propostas de periodização dos mocambos e quilombos, sécs. XVIII-XXI. **História em Revista**, v. 29, n. 1, p. 59-76, 2024.

GOUBERT, Pierre. História local. **Revista Arrabaldes**. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, maio/agosto, p. 69-82, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE. 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html. Acesso em: 05 ago 2024.

JÚNIOR, Adinael. **Alimentação das almas: do purgatório a redenção**. A Lente. 2023. Disponível em:https://alente.com.br/2023/04/07/alimentacao-das-almas-do-purgatorio-a-redencao/#:~:text=A%20%E2%80%9CAlimenta%C3%A7%C3%A3o%20das%20Almas%E2%80%9D%20%C3%A9%20um%20ritual%20simples%20e%20complexo,do%20povo%20brasileiro%2C%20a%20religiosidade. Acesso em: 28 de dezembro de 2024.

MANIQUE, A P. ; PROENÇA, M C. **Didática da história**: Patrimônio e história local. Lisboa: Texto Editora, 1994.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

NASCIMENTO, Cloves L. **O desafio da sustentabilidade em comunidades tradicionais:** marisqueiras e quilombolas. Artigo, 2014.

NASCIMENTO, Karla Teixeira de Aguiar et al. **Quilombolizar Kalunga: De Pesquisados a Pesquisadores.** 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás.

NGOENHA. Severino Elias. **Estatuto e Axiologia da Educação**. Maputo: Livraria Universidade da UEM, 2000.

NOVELLI, Guilherme. Sudeste: Batuques de terreiro. **Revista Continente**. 2016. Disponível em: https://revistacontinente.com.br/edicoes/183/sudeste--batuques-de-terreiro. Acesso em 20 de janeiro de 2025.

OLIVEIRA, Denise. **Os desafios da posse da terra para os patrimônios alimentares de quilombos em Goiás.** Revista de Alimentação e Cultura das Américas, v. 3, n. 2, p. 8-22, 2022.

ORANI, João Tempesta. **São Sebastião:** exemplo e fé. 2023. Disponível em: https://paroquiasantanacarandai.com.br/sao-sebastiao-exemplo-e-fe/#:~:text=S%C3%A3o%20Sebasti%C3%A3o%20tornou%2Dse%20defensor,desejo%3A%20tornar%2Dse%20m%C3%A1rtir. Acesso em 15 de dez. 2024.

PAJOLLA Murilo. **Futuro impossível:** a titulação de quilombos vai demorar 2 mil anos se continuar no ritmo atual. Site de notícias. Brasil de fato, Londrina (PR), 2024.

PINHEIRO, Meiriane da Silva. **Práticas culturais sustentáveis Afro-Brasileiras na comunidade quilombola de Melancias, Ocara – Cerará.** Dissertação de Mestrado, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). 2021.

RAMALHO, Alessandra Albuquerque. **As comunidades remanescentes quilombolas no roteiro da missão cruls:** O reconhecer do território. Dissertação de Mestrado, 2015, Programa de Pós-graduação em Geografia - Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

ROCHA, Thaís Lopes. **Histórias de passados presentes:** experiências de pessoas negras na escravidão e na liberdade em terras do leste goiano (1860-1880). Dissertação de Mestrado Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas - Universidade de Brasília-UNB, 2024.

RODRIGUES, Giseli Giovanella; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **A importância da memória para uma cidade.** Artigo, 2010.

SAMPAIO, Daniel; AMARAL, Rodolfo. **Malhação do Judas, uma tradição quase extinta.** 2023. Disponível em: https://vejario.abril.com.br/coluna/daniel-sampaio/malhacao-do-judas Acesso em 09 de janeiro de 2025.

SANTOS, Alexandre. **Tensionamento entre religião, erotismo e arte:** o Martírio de São Sebastião. Dossiê 2016.

SANTOS, Hélio Rodrigues; FERREIRA, Ana Tereza Ramos de Jesus; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. **Território e territorialidade quilombola:** uma análise socioetnocultural da produção de alimentos e das festas, folias e rezas. História em Revista, v. 29, n. 1, p. 114-137, 2024.

SARAIVA, Regina Coelly. **História, Memória e Identidade**. Ledoc/FUP, Universidade de Brasília, 2010.

SILVA, Carlos dos Santos. **Resgate da história da Fundação e da vida do PA São Vicente-Flores de Goiás**. Monografia de graduação. Curso: Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC, 2018.

SILVA, Giuslane Francisca. **A memória coletiva**. Revista Aedos, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016.

SILVA, Lorrane Gomes da. **História e cultura indígena**: povos indígenas de Goiás. Carajá, Tapuio e Avá-Canoeiro. artigo 2018.

SOUZA, José Clécio Silva. História da África e cultura afro-brasileira: desafios e possibilidades no contexto escolar. **Revista educação pública**. 2018.

SOUZA, Miguel. **Folia do Reis.** Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/folia-de-reis.htm Acesso em 09 de janeiro de 2025.

UNB. **Projeto político pedagógico do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo.** Universidade de Brasília - UnB Faculdade UnB Planaltina – FUP. 2018.

XAVIER, Pedro Henrique Gomes. **Licenciatura em Educação do Campo como políticas de formação de professores na perspectiva da pedagogia socialista**. Artigo. Universidade Federal do Maranhão - UFMA. 2023.